



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**ANA SUELLEN LUNA DOS PASSOS**

**UM MUSEU PARA CARPINA-PE: Memória, Patrimônio e Identidade**

**RECIFE  
2025**

ANA SUELLEN LUNA DOS PASSOS

**UM MUSEU PARA CARPINA-PE: Memória, Patrimônio e Identidade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Aureliana Lopes de Lacerda Tavares

**RECIFE  
2025**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

PASSOS, ANA SUELLEN LUNA.

Um museu para Carpina-PE: Memória, Patrimônio e Identidade. / ANA SUELLEN LUNA PASSOS. - Recife, 2025.

53

Orientador(a): AURELIANA LOPES DE LACERDA TAVARES

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Biblioteconomia, 2025.

Análise do Museu Instituto Histórico de Carpina mediante pesquisa qualitativa, revisão bibliográfica e de acervo. Verificou-se que a instituição, embora inacessível ao público e com divulgação restrita a redes sociais não-oficiais, preserva a memória local. Contudo, carece de difusão sistemática de seu acervo, dependendo de ações independentes. Conclui-se que a integração entre Biblioteconomia e Museologia é essencial para organização, disseminação e preservação da identidade local..

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Instituto Histórico de Carpina. 2. memória coletiva. 3. patrimônio cultural .  
4. identidade local. 5. museus regionais. 6. Carpina. I. LOPES DE LACERDA TAVARES, AURELIANA . (Orientação). II. Título.



Serviço Público Federal  
Universidade Federal de Pernambuco Centro de Artes e Comunicação  
Departamento de Ciência da Informação

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**UM MUSEU PARA CARPINA-PE: memória, patrimônio e identidade**

**ANA SUELLEN LUNA DOS PASSOS**

---

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora, apresentado no Curso de Biblioteconomia, do Departamento de Ciência da Informação, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

TCC aprovado em 12 de agosto de 2025

Banca Examinadora:

---

**AURELIANA LOPES DE LACERDA TAVARES** - Orientador(a)  
Universidade Federal de Pernambuco - DCI

---

**KAREN ISABELLE DOS SANTOS D'AMORIM** – Examinador(a) 1  
Universidade Federal de Pernambuco - DCI

---

**CÉSAR WALTONYER DE ARAÚJO SILVA** - Examinador(a) 2  
(PPGCI/UFPE)

## UM MUSEU PARA CARPINA-PE: MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E IDENTIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

### BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aureliana Lopes Tavares Universidade Federal de Pernambuco

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>o</sup>. Me. César (Examinador Interno) Universidade Federal de Pernambuco

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>o</sup>. Dr. Karen (Examinador Externo)

Dedico este trabalho a minha mãe, Angélica Luna  
aos meus avós Milton e Maria Ana  
as minhas tias Andreia e Jaqueline.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, minha mãe que pacientemente pôs-se à disposição de minhas empreitadas às 4h da manhã e ao meu pai, que me aconselhou a não desistir de nada e levar minhas decisões até o fim. Vocês são a maior fonte de amor que eu nunca imaginei receber. Sou grata a Aureliana Lopes professora cuja orientação e trabalho me deixa admirada e me impulsionam a ser melhor, sua sabedoria e apoio foram essenciais na minha formação.

Agradeço ao bibliotecário Aécio Alberdam por indicar caminhos para a reativação do museu; também agradeço a Ceça ex-funcionária do IHC e ao historiador Rodrigo pela contribuição nesta pesquisa. Agradeço a Diego Salcedo por ter apresentado o universo da iniciação científica, apesar da minha falta de comprometimento. Agradeço à Teresa, Paulo e Renato por terem tantas vezes atendido às minhas solicitações.

Agradeço a Ana Elizabeth e Sônia Aguiar por terem oportunizado que eu fizesse monitoria, uma durante a pandemia e a outra posteriormente. Agradeço ao professor Lourival Pereira pelo apoio nos dois últimos períodos e pela condução poética das disciplinas que ministrou.

Agradeço a Danúbia pelo incentivo, mesmo que os meus passos fossem pequenos e vagarosos não economizou nas palavras de apoio e credibilidade.

Agradeço aos amigos, Leonardo Marçal que tornou algumas experiências frustrantes, mais leves; e a Laura Selva pelos puxões de orelha, mesmo que eu não a tenha escutado.

Agradeço aos bibliotecários e servidores que integram a equipe das bibliotecas onde realizei estágio, cada qual “deixou um pouco de si” em meu fazer, em especial a Ana, então bibliotecária da biblioteca de educação, também a Sra. Veronilda, Sr. Gercino, Letícia, Israel, Luana Gomes e Sandra Rafaela.

Agradeço a Willian Alves pela partilha enquanto amigo e colega de estágio supervisionado.

Agradeço a Raíssa, Kaline, Ericke, Tarcísio, Camila, Lívia e aos demais amigos do “busão” que na espera e trajeto até o ônibus trocaram ideias e alegraram o meu dia.

Agradeço a Deus por conduzir essa jornada mostrando que não estou por minha conta e posso levar a ele os meus problemas, medos e incertezas.

*“De certo ponto em diante não há volta, esse é o ponto que deve ser alcançado”  
(Franz Kafka).*

## RESUMO

Este trabalho analisa o papel do Museu, o Instituto Histórico de Carpina como espaço de preservação da memória e da identidade local. A partir de fundamentos teóricos sobre memória coletiva, patrimônio cultural e identidade, são discutidos os aspectos históricos e conceituais dos museus, com ênfase em sua função social e cultural. A pesquisa, de natureza qualitativa, baseou-se em levantamento bibliográfico e análise do acervo do museu, que atualmente se encontra fechado ao público, com algumas fotografias e documentos acessíveis de forma parcial apenas por meio de uma página em rede social digital — iniciativa não tutelada pelos órgãos oficiais, no caso, a prefeitura. Os resultados revelam que, mesmo diante das limitações físicas, o museu cumpre o papel de guardião da memória local; no entanto, não promove a difusão sistemática de seus artefatos nem o fortalecimento da identidade carpinense, limitando-se a ações pontuais realizadas por agentes que divulgam o acervo de forma independente. Conclui-se que a atuação integrada entre Biblioteconomia e Museologia é essencial para a organização, preservação e disseminação da informação cultural, especialmente em contextos de acesso remoto ou restrito. Além disso, o engajamento comunitário e o reconhecimento do museu como espaço de pertencimento são fundamentais para a efetiva preservação da memória e da identidade local.

**Palavras-Chave:** memória coletiva; patrimônio cultural; identidade local; museus regionais; Instituto Histórico de Carpina.

## ABSTRACT

This study examines the role of the Museu do Instituto Histórico de Carpina as a space for preserving local memory and identity. Based on theoretical foundations of collective memory, cultural heritage, and identity, the historical and conceptual aspects of museums are discussed, with an emphasis on their social and cultural functions. The research, of a qualitative nature, relied on a literature review and analysis of the museum's collection, which is currently closed to the public, with only some photographs and documents partially accessible through a social media page—an initiative not overseen by official authorities, in this case, the city government. The results reveal that, despite physical limitations, the museum its role as a guardian of local memory; however, it does not promote the systematic dissemination of its artifacts or the strengthening of Carpina's identity, limiting itself to isolated actions carried out by individuals who share the collection independently. It is concluded that an integrated approach between Library Science and Museology is essential for the organization, preservation, and dissemination of cultural information, especially in contexts of remote or restricted access. Furthermore, community engagement and recognition of the museum as a space of belonging are crucial for the effective preservation of local memory and identity.

**Keywords:** collective memory; cultural heritage; local identity; regional museums; Historical Institute of Carpina.

## **LISTA DE ABREVIACES**

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHC – Instituto Histórico de Carpina

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PNM – Política Nacional de Museus

PIB – Produto Interno Bruto

## SUMÁRIO

<u>1 INTRODUÇÃO</u> .....	13
<u>2 REFERENCIAL TEÓRICO</u> .....	16
<u>2.1 Memória, patrimônio e identidade</u> .....	17
<u>2.1.1 A construção da memória coletiva</u> .....	18
<u>2.1.2 Políticas públicas para a preservação da Memória Museológica</u> .....	19
<u>2.2 Aspectos históricos e conceituais</u> .....	21
<u>2.2.1 A Evolução dos museus e suas funções sociais</u> .....	22
<u>2.2.2 Museus locais e o fortalecimento das culturas regionais</u> .....	23
<u>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</u> .....	25
<u>3.1 Procedimentos técnicos</u> .....	26
<u>3.2 Coleta de dados</u> .....	26
<u>4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA</u> .....	28
<u>4.1 Um Olhar sobre Carpina</u> .....	28
<u>4.2 Memória Silenciada: Os Impactos da Inatividade do Instituto Histórico de Carpina</u> .....	31
<u>4.3 Museus da Zona da Mata Norte: Desafios e Possibilidades</u> .....	32
<u>4.5 A Relação da Comunidade com os Museus e seus Acervos</u> .....	33
<u>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</u> .....	41
<u>REFERÊNCIAS</u> .....	43
<u>APÊNDICE – REGISTROS DO ACERVO DO INSTITUTO HISTÓRICO DE CARPINA</u> .....	46
<u>ANEXOS</u> .....	53
<u>Anexo 1 - Inauguração do Instituto Histórico de Carpina em 11 de setembro de 1964 com a presença do governador Paulo Pessoa Guerra</u> .....	53
<u>Anexo 2 - Governador Paulo Guerra cortando a fita de inauguração do Instituto Histórico</u> .....	53

## 1 INTRODUÇÃO

O museu, enquanto unidade de informação, tem como função essencial a preservação da memória documental, o estímulo ao conhecimento e a democratização do acesso à cultura. Conforme destaca Lemos (2017), trata-se de uma instituição que expressa a identidade coletiva, revelando as complexidades, valores e certezas de um povo por meio das evidências materiais. No entanto, essa conexão entre os sujeitos e os artefatos museológicos exige não apenas a conservação do acervo, mas também a salvaguarda do espaço físico que o acolhe.

A partir da perspectiva junguiana<sup>1</sup>, o museu pode ser compreendido como um espaço simbólico que materializa a memória coletiva, preservando objetos que representam elementos fundamentais da identidade cultural de um povo. Essa função ressoa com a ideia de inconsciente coletivo, na medida em que o acervo museológico guarda símbolos e narrativas que estruturam a experiência coletiva e fortalecem os vínculos identitários de uma comunidade.

Essa visão integrada da preservação reforça a necessidade de proteger, de forma abrangente, tanto os objetos quanto o ambiente onde são expostos. Preservar, de acordo com Desvallées e Mairesse (2013, p. 79), significa “proteger uma coisa ou um conjunto de coisas de diferentes perigos, tais como a destruição, a degradação, a dissociação ou mesmo o roubo”, mobilizando recursos para garantir a durabilidade de obras e monumentos. Em instituições históricas desassistidas pelo poder público, os agentes degradantes deixam marcas não apenas nos objetos físicos, mas também na própria cultura e identidade daquele território.

Diante disso, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa para ser resposta a questões levantadas, combinando revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas semiestruturadas. Conforme Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica abrange toda a produção publicada sobre o tema, incluindo livros, artigos, documentos e materiais audiovisuais. Como documentação direta, utilizou-se material institucional do IHC, especialmente

<sup>1</sup> Segundo a teoria junguiana, o inconsciente coletivo constitui uma dimensão fundamental da psique humana, caracterizada por arquétipos que se expressam através de símbolos e narrativas mitológicas trans-culturais. No contexto museal, artefatos cerimoniais, ícones religiosos e representações mitológicas atuam como veículos desses padrões arquetípicos, estabelecendo uma ponte entre a experiência individual e as estruturas simbólicas da psique coletiva. (JUNG, Carl G. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Petrópolis: Vozes, 2000).

"Carpina: Terra do Leão do Norte". Para Minayo (2014, p. 16), "a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, pois trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes". A coleta de dados primários contou com uma amostra de três pessoas selecionadas por conveniência: um portador do IHC (pela vivência prática), um pesquisador local (pelo conhecimento acadêmico) e um gestor municipal (pela perspectiva institucional).

A análise seguiu os princípios da pesquisa qualitativa proposta por Minayo (2014), com interpretação dos depoimentos à luz do referencial teórico. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas visando identificar convergências e contradições. Conforme afirma Minayo (2014, p. 22), "o número reduzido de informantes não invalida a pesquisa, desde que representem a diversidade do fenômeno estudado". Apesar da amostra limitada a três participantes, a riqueza dos relatos permitiu uma compreensão aprofundada do problema investigado, respeitando os critérios de saturação dos dados na abordagem qualitativa.

Desta forma propondo-se a responder às seguintes questões: O acervo do Instituto Histórico de Carpina-PE, seus "testemunhos", guardam relação com a memória da comunidade local, acionando sua identidade? Como esse diálogo acontece? Qual é o estado de conservação das "evidências materiais" presentes no museu? O IHC ainda contribui, nos dias de hoje, para a manutenção da memória coletiva e da identidade local?

A relevância desta discussão também encontra respaldo no conceito de memória coletiva, apresentado por Halbwachs (1968, p. 87), para quem o grupo "toma consciência de sua identidade através do tempo" ao olhar para o próprio passado. Assim, reconhecer um quadro familiar, uma fachada antiga, um bairro ou uma cidade, representa, também, acessar as camadas mais profundas da consciência e da identidade.

Nesse sentido, afirma-se que os museus possuem a capacidade de ativar registros simbólicos do inconsciente coletivo - conceito desenvolvido por Carl Gustav Jung para descrever estruturas psíquicas universais compartilhadas por toda a humanidade - por meio de representações arquetípicas como heráldica, numismática, sigilografia, paleografia, pintura, escultura, arte sacra e popular, entre outras expressões.

De acordo com o ICOMOS (1964), uma das mais relevantes diretrizes patrimoniais, reafirma a responsabilidade pública no tocante à preservação de monumentos e elementos arquitetônicos, destacando que “todo monumento nacional está implicitamente destinado a cumprir uma função social. Corresponde ao Estado fazer que a mesma prevaleça.”

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa é apresentar o Instituto Histórico de Carpina-PE como espaço de preservação da memória, da identidade e do patrimônio histórico-cultural do município, propondo estratégias para a preservação e reativação desse espaço essencial à comunidade. Como objetivos específicos, destacam-se:

- Discutir, à luz da teoria, os conceitos de memória, patrimônio e identidade, e sua importância para a preservação cultural;
- Investigar os impactos sociais e simbólicos da desativação do Instituto Histórico para a memória da comunidade carpinense;
- Descrever o estado de conservação de parte do acervo, relacionando-o à necessidade de políticas de preservação do patrimônio cultural local.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, com o objetivo de compreender fenômenos informacionais ligados à memória e identidade cultural. Foram utilizados como procedimentos técnicos a pesquisa bibliográfica, documental e o estudo de caso, com foco no Instituto Histórico de Carpina. A coleta de dados envolveu revisão teórica, visitas técnicas ao museu, registros fotográficos, análise de documentos institucionais e entrevistas semiestruturadas com responsáveis pela instituição. A triangulação das evidências obtidas possibilitou uma análise interpretativa e contextualizada, em consonância com os fundamentos da Ciência da Informação e das Ciências Sociais.

A justificativa social desta pesquisa se baseia na análise das políticas públicas voltadas à memória e museus, evidenciando a disparidade entre regiões com maior número de museus e investimento, e aquelas como o Nordeste, onde o Instituto Histórico de Carpina permanece pouco explorado, embora seja essencial à cultura de Pernambuco. Como afirma Lemos (2017), “a cultura de um povo é seu maior patrimônio; preservá-la é resgatar a história, perpetuar

valores, é permitir que as novas gerações não vivam sob as trevas do anonimato”.

A justificativa acadêmica repousa na contribuição ao debate sobre memória, memória coletiva e identidade no contexto do patrimônio da Zona da Mata Norte de Pernambuco onde está situado o instituto, além de incentivar novos estudos sobre o IHC. A pesquisa também se insere no cruzamento entre Museologia, Ciência da Informação e Biblioteconomia.

Por fim, a justificativa pessoal da autora apoia-se na contribuição de Halbwachs (1968), ao considerar que “a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade”. Trata-se, assim, de um compromisso enquanto cidadã carpinense interessada em preservar o rico acervo e quem sabe contribuir para a retomada das suas atividades junto aos órgãos competentes. Sentimento e tentativas que vem desde o ensino médio, quando descobriu, por meio de ex-frequentes, a existência do mesmo.

O trabalho está organizado em cinco seções, na primeira apresenta-se a contextualização temática, o problema de pesquisa, objetivos e justificativa. A segunda seção trata-se do referencial teórico que dará suporte as análises, abordando os temas: fundamentos teóricos da memória coletiva; políticas públicas de preservação no contexto brasileiro; e o papel dos museus locais na salvaguarda de patrimônios regionais. A terceira seção destaca a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa e a quarta seção traz os resultados e análises e por fim na quinta seção tecemos as considerações finais.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Esta seção apresenta as relações entre memória, patrimônio e identidade, fundamentais para compreender os processos de construção e preservação cultural. Partindo das contribuições teóricas de Halbwachs (1990) e Ricoeur (2007), onde a memória não é o mero registro do passado, mas construção social dinâmica, permanentemente tensionada entre lembrança e esquecimento.

São três eixos principais. No primeiro, abordou-se a natureza da memória coletiva e seus mecanismos de formação, destacando como esta se materializa em bens culturais que constituem o patrimônio de uma sociedade. Em segundo lugar, examinou-se criticamente as políticas públicas de preservação no Brasil, com ênfase nos desafios enfrentados pelas instituições museológicas, particularmente nas regiões Norte e Nordeste. Por fim, discute-se o papel dos museus locais como espaços de resistência cultural e construção identitária (Chagas, 2003), com destaque para estudos de caso na Zona da Mata de Pernambuco (Lino, 2023).

A abordagem interdisciplinar adotada, articula conceitos da Museologia, Ciência da Informação e Ciências Sociais, demonstrando como os museus funcionam como unidades de informação (Araújo, 2014) e espaços privilegiados de mediação cultural. Esta perspectiva permite compreender os processos de patrimonialização como práticas sociais complexas, que envolvem disputas de poder e hierarquias culturais (Smith, 2006), mas também estratégias de empoderamento e afirmação identitária.

### **2.1 Memória, patrimônio e identidade**

A memória é uma faculdade presente desde o nascimento e está em constante reconstrução. Ela não apenas possibilita a atualização contínua do passado, mas também constitui um dos pilares fundamentais para a formação da identidade. Como propõe Maurice Halbwachs (1990), embora a memória seja frequentemente concebida como algo individual, ela está, de fato, inserida em um contexto social mais amplo, sendo, portanto, coletiva. Essa relação entre memória e identidade é marcada por uma tensão constante entre lembrança e

esquecimento, ideia que também é amplamente desenvolvida por Paul Ricoeur (2007).

O processo de construção da identidade começa com os primeiros contatos do indivíduo com o mundo. Desde o nascimento, cada experiência vivida contribui para a formação de uma identidade que, embora pessoal, se entrelaça com as referências sociais e culturais às quais o sujeito está exposto. Dessa forma, a identidade individual se articula com a identidade coletiva, num movimento contínuo de reconhecimento, diferenciação e pertencimento.

Ao refletir sobre essa dinâmica, Lino (2023) observa que “quando uma criança nasce ela não representa mais uma criança que vive; é mais uma identidade que começa a ser construída por cada contato com a realidade que a envolve”. Essa perspectiva ressalta que o desenvolvimento identitário é um processo relacional e contínuo, em que cada vivência deixa marcas que se integram à memória e ao pertencimento cultural.

Quando se considera o contexto de um grupo social — como o de uma cidade, por exemplo — percebe-se que a memória coletiva se materializa em bens culturais, sejam eles materiais ou imateriais. O patrimônio, entendido como o conjunto de bens culturais reconhecidos por uma coletividade como parte de sua herança (Constituição de 1988, Art. 216) assume aqui papel fulcral na representação e preservação dessas referências. Esses elementos tornam-se referenciais identitários que representam modos de vida, valores, crenças e práticas compartilhadas. No entanto, caso não sejam reconhecidos, valorizados e preservados, tais elementos correm o risco de desaparecer com o tempo, comprometendo a transmissão de saberes e a continuidade da identidade cultural do grupo.

A partir desse entendimento, torna-se evidente a importância da preservação do patrimônio como estratégia de resistência ao esquecimento. O patrimônio, enquanto dimensão da memória — como afirma Candau (2012, p. 16), “o patrimônio é uma dimensão da memória” —, é também um vetor da identidade. Ele permite que os indivíduos e comunidades se conectem com o passado, reafirmem suas origens e fortaleçam os vínculos culturais e sociais.

Paul Ricoeur (2007) complementa essa reflexão ao afirmar que, para manter o jogo social, é necessário o equilíbrio entre lembrança e esquecimento

— possibilidade que confere ao indivíduo a capacidade de reorganizar seu passado e perpetuar o que foi aprendido e compartilhado entre as gerações.

Esta seção explorou de forma introdutória a relação entre memória, identidade e patrimônio cultural, articulando autores fundamentais para a compreensão desses constructos. As seções subsequentes desdobram-se em três eixos: (1) a memória enquanto fenômeno coletivo e dinâmico; (2) os processos de formação identitária, em suas escalas individual e grupal; e (3) o patrimônio como expressão material e simbólica dessas construções sociais.

### 2.1.1 A construção da memória coletiva

A memória individual, ligada às experiências pessoais e às lembranças íntimas, diferencia-se da memória coletiva por não depender da presença de outros para ser evocada. Enquanto a memória coletiva é compartilhada e reforçada pelas interações sociais, a individual pode ser acessada de forma isolada. Ainda assim, ambas permanecem vivas no ser humano por meio da conservação de objetos que eternizam o que o indivíduo ou o grupo construiu consoante Halbwachs (1990). Essa relação não se limita apenas aos objetos, mas também se estende aos lugares que carregam significados simbólicos.

O autor também afirma que, se os habitantes de uma cidade ou de um quarteirão formam uma pequena sociedade, é porque compartilham um mesmo espaço geográfico — e esse espaço não é apenas uma condição qualquer, mas uma condição essencial para a existência do grupo. Os lugares, portanto, funcionam como âncoras da memória coletiva, guardando traços da vida social, cultural e simbólica da comunidade.

Sob essa perspectiva, um museu histórico inserido nesse contexto territorial torna-se um potente evocador de memórias coletivas e individuais. Desde sua fachada até suas exposições internas, ele oferece ao visitante elementos que possibilitam a reconstrução de narrativas e o fortalecimento de laços identitários. O museu, assim, contribui para que o indivíduo desenvolva “consciência da sua identidade através do tempo” (Halbwachs, 1990, p. 87).

A preservação dessas instituições, bem como de outras unidades de informação — como arquivos, bibliotecas e centros de documentação — são essenciais para consolidar a identidade cultural dos sujeitos, pois são esses

documentos, imagens e objetos que influenciam diretamente sua história e o modo como ela é transmitida às futuras gerações.

### 2.1.2 Políticas públicas para a preservação da memória museológica

Conforme discutido na seção anterior, a memória se ancora em objetos, lugares e práticas sociais que, organizados e ressignificados em instituições museológicas, contribuem para a continuidade histórica dos grupos sociais. Nesse sentido, os museus não são apenas guardiões do passado, mas agentes ativos na formação identitária e na educação cultural das comunidades.

No entanto, a preservação da memória museológica está intimamente ligada às políticas públicas que sustentam essas instituições enquanto bens culturais. Isso porque a memória que se torna patrimônio musealizado passa a ser regulada por decisões políticas que determinam o que deve ser lembrado, exibido e transmitido às futuras gerações. Assim, como aponta Smith (2006), o patrimônio é resultado de um "discurso autorizado", no qual prevalece a visão política, social, religiosa e étnica dos grupos dominantes. Essa seleção, ainda que involuntária, define quais memórias serão institucionalizadas e quais permanecerão à margem.

No Brasil, a política de proteção ao patrimônio museológico é regida por legislações e programas coordenados por órgãos federais, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Criado em 1937, o IPHAN é responsável pela normatização, fiscalização e preservação dos bens culturais tombados no país, com base no Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Este marco legal reconhece o valor dos museus enquanto documentos vivos da cultura brasileira e reforça o compromisso da União com sua preservação.

Além disso, o Ministério da Cultura tem buscado ampliar o acesso e a valorização da memória museológica por meio de políticas públicas específicas voltadas ao fortalecimento dos museus como instituições sociais. Um exemplo significativo é a criação da Política Nacional de Museus (PNM), lançada em 2003, que oferece suporte técnico, normativo e estratégico às instituições museológicas em todo o país. Destaca-se também a política "Museu em Cada Município", lançada em 2009, que visava incentivar a criação de museus em

todas as cidades brasileiras, promovendo a descentralização e a democratização do acesso à cultura.

Outro marco importante é o Estatuto de Museus (Lei nº 11.904/2009), que estabelece diretrizes para a gestão, preservação, documentação e acessibilidade dos museus, reforçando a importância do planejamento técnico, da responsabilidade social e da atuação dos museus como espaços de educação patrimonial.

Apesar desses avanços, o cenário museológico brasileiro ainda enfrenta grandes desafios. Segundo o último censo divulgado pelo IPHAN em 2006, existem aproximadamente 1.241 museus registrados, mas a escassez de informações sobre muitos deles — especialmente em âmbito municipal — revela fragilidades na gestão, preservação, catalogação e manutenção desses espaços.

A autora, ao contextualizar dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), demonstra que a distribuição de instituições museológicas no país reflete desigualdades econômicas e educacionais. As regiões Sudeste e Sul, que concentram respectivamente 59,4% e 15,9% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, são também aquelas com maior número de museus e melhores indicadores de alfabetização e urbanização (IBGE, 1997). Isso evidencia que o acesso à memória museológica não é apenas uma questão cultural, mas também social e política.

Diante desse panorama, torna-se necessário refletir sobre as possibilidades de preservação e fortalecimento da memória museológica no Nordeste. A análise dessas dinâmicas permite compreender não apenas os desafios enfrentados pelas instituições locais, mas também seus impactos na construção identitária das populações e no acesso ao patrimônio cultural. Tal discussão encontra interseção com a Ciência da Informação, à medida que ambas as áreas — a Museologia e Ciência da Informação — lidam com a organização, preservação e difusão de documentos, sejam eles textuais, visuais ou materiais.

O museu, como unidade de informação, assume a responsabilidade não apenas de conservar objetos, mas de mediar sentidos, narrativas e saberes que contribuem para a formação de cidadãos conscientes de sua história e pertencimento. Segundo Araújo (2014), ambas as áreas compartilham o

compromisso com “a organização, preservação, comunicação e uso social da informação”, fortalecendo o papel do museu como espaço de mediação entre memória, identidade e cidadania.

## **2.2 Aspectos históricos e conceituais**

Os museus, enquanto instituições de preservação e difusão cultural, possuem raízes históricas profundas, vinculadas aos gabinetes de curiosidades do século XVI, espaços elitizados que reuniam objetos exóticos e eruditos. A transformação desses acervos privados em instituições públicas ocorreu no século XVIII, marcada pela abertura do Museu do Louvre em 1793, simbolizando a democratização do acesso ao patrimônio (Desvallées; Mairesse, 2013).

A consolidação da museologia como campo científico ampliou suas funções sociais, transcendendo a mera conservação para assumir um papel ativo na construção de memórias e identidades. A Nova Museologia, emergente na segunda metade do século XX, reforçou essa perspectiva, enfatizando o engajamento comunitário e a valorização de narrativas locais (Chagas, 2003). Nesse contexto, os museus passaram a ser entendidos como unidades de informação, conforme destacado por Ferreira (2008), aproximando-se da Ciência da Informação no que diz respeito à organização, preservação e mediação de acervos materiais e simbólicos.

A memória, conforme Halbwachs (1990), é um constructo social, e os museus atuam como agentes de sua materialização, selecionando e legitimando discursos que conformam identidades coletivas. Essa função ganha relevância especial em contextos regionais, como o Nordeste brasileiro, onde museus locais exercem papel fundamental na resistência cultural e no empoderamento comunitário (Pereira, 1983). Assim, a intersecção entre Museologia e Ciência da Informação revela-se essencial para compreender como essas instituições articulam passado e presente, garantindo o acesso à informação e a perpetuação das tradições.

### **2.2.1 A Evolução dos museus e suas funções sociais**

Os museus têm origem nos antigos gabinetes de curiosidades, espaços privados onde se reuniam objetos raros e exóticos, refletindo a visão de mundo de elites intelectuais e aristocráticas. Com o tempo, especialmente a partir do século XVIII, essas coleções passaram a ser institucionalizadas, transformando-se em museus públicos com objetivos científicos, educativos e patrimoniais. Um marco importante foi a abertura do Museu do Louvre ao público, após a Revolução Francesa, representando o início do museu moderno (FUNMUSEU, 2022, p. 12).

Com o avanço da museologia e a influência da Nova Museologia, surgida na segunda metade do século XX, os museus passaram a ser concebidos como instituições dinâmicas e socialmente engajadas. Não são mais apenas espaços de preservação e exposição, mas centros de memória e mediação cultural, integrando-se a políticas públicas e promovendo a inclusão social e o fortalecimento das identidades locais (Desvallés; Mairesse, 2013).

Nesse processo, compreende-se que o museu é também um local onde a memória coletiva é estruturada e materializada. Para Maurice Halbwachs (1990), a memória não se constrói de forma individual, mas se ancora em estruturas sociais que moldam as lembranças. Assim, o museu cumpre a função de selecionar e organizar objetos e narrativas que representam essa memória coletiva, contribuindo para a construção de uma identidade comum e a perpetuação de tradições culturais. Além disso, diferencia-se da história ao privilegiar a recordação viva, marcada pela afetividade e pela identificação dos grupos sociais com os objetos e contextos apresentados.

No campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, os museus também são compreendidos como unidades de informação. Assim como bibliotecas e arquivos, desempenham funções fundamentais de preservação, organização e difusão de informações culturais e históricas. Segundo Ferreira (2008), a Museologia e a Ciência da Informação compartilham a preocupação com a gestão da informação em seus múltiplos suportes, visando não apenas à conservação, mas também ao acesso e à apropriação do conhecimento pelas comunidades.

Iniciando no século XIX, os institutos históricos especificamente, se consolidaram como espaços fundamentais para a historiografia brasileira, atuando tanto na "publicação de livros" quanto nas "revistas institucionais",

contribuindo para "inventar a nação" e fomentar "a construção das identidades estaduais" (v. 26, n. 49, 2024, p. 9)

### 2.2.2 Museus locais e o fortalecimento das culturas regionais

Os museus locais ocupam lugar de destaque na valorização das memórias e das práticas culturais específicas de uma comunidade. Ao contrário dos grandes museus de escopo nacional, os museus comunitários e regionais têm a capacidade de acolher narrativas plurais, reconhecendo a diversidade cultural existente nos territórios e promovendo o pertencimento social.

No campo da Biblioteconomia, esses museus são compreendidos como espaços informacionais que organizam, conservam e comunicam a memória coletiva de um grupo, colaborando para o fortalecimento da identidade cultural. A informação museológica, nesse sentido, não está apenas nos objetos, mas nos discursos, nas mediações e nos contextos que os envolvem.

Em regiões como o Nordeste brasileiro, marcadas por riqueza cultural e simultânea vulnerabilidade social, os museus locais tornam-se ferramentas de resistência e empoderamento. Conforme Chagas (2003), ao preservar a memória e promover a voz das comunidades, esses museus fortalecem o tecido social e ampliam o acesso à informação cultural e patrimonial, contribuindo diretamente para a inclusão social e a cidadania.

Nessa perspectiva, Nilo Pereira (1983) ressalta que a memória regional deve ser vista como uma forma legítima de cultura, cuja preservação é fundamental para garantir o reconhecimento da diversidade e a valorização das identidades locais. Para o autor, a história nordestina não pode ser compreendida sem seus símbolos, instituições e acervos, que testemunham a trajetória de seus povos e territórios.

Ampliando essa discussão, na Zona da Mata Norte de Pernambuco, os museus desempenham um papel fundamental na preservação e valorização da memória regional, reunindo acervos que expressam a diversidade histórica, cultural e social do território. Instituições como o Instituto Histórico de Carpina, o Museu de Nazaré da Mata e o Museu do Mamulengo de Glória do Goitá funcionam como espaços de resistência cultural, mantendo vivas tradições como o maracatu rural, a religiosidade popular e a produção artesanal. Esses museus

acolhem objetos, documentos e relatos que conectam os sujeitos à sua ancestralidade, reforçando laços identitários e promovendo o acesso à informação e à cultura.

Pesquisas recentes destacam como instituições museológicas situadas em cidades do interior, como Carpina, contribuem para a construção da identidade local por meio da preservação dos acervos, da mediação cultural e da valorização da memória coletiva. A atuação do Instituto Histórico de Carpina, por exemplo, evidencia a importância dos museus como espaços de articulação entre memória, território e informação. Nesse contexto, os objetos não são apenas testemunhos do passado, mas também elementos que fortalecem a identidade comunitária, permitindo que a população reconheça sua própria história e mantenha viva sua herança cultural (Lino, 2023).

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e caracteriza-se como descritiva e exploratória. De acordo com Gil (2019, p. 27), a pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema investigado, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Já a pesquisa descritiva, segundo Lakatos e Marconi (2017), preocupa-se em observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los.

Quanto à abordagem metodológica, optou-se por uma investigação qualitativa, pois, como destaca Minayo (2007, p. 21), essa modalidade se fundamenta na compreensão do universo dos significados, crenças, valores e atitudes que compõem a experiência humana. Em consonância com essa perspectiva, considera-se que os fenômenos informacionais relacionados à memória, identidade e patrimônio cultural não podem ser plenamente apreendidos por métodos estatísticos, exigindo, portanto, uma análise interpretativa e contextualizada.

A amostra foi intencional e pequena, conforme destaca Minayo (2007), característica comum em pesquisas qualitativas, nas quais se busca profundidade e não representatividade estatística. A triangulação das evidências obtidas possibilitou uma análise interpretativa e contextualizada, em consonância com os fundamentos da Ciência da Informação e das Ciências Sociais.

Na perspectiva da Ciência da Informação, a pesquisa qualitativa se mostra adequada para compreender como os sujeitos e as instituições interagem com os documentos e informações culturais no contexto dos museus locais, promovendo sentido e pertencimento. Segundo Almeida, Perucchi e Freire (2020) a pesquisa qualitativa em Ciência da Informação visa interpretar os significados atribuídos à informação nos diferentes contextos sociais, o que está em consonância com o presente estudo.

#### **3.1 Procedimentos técnicos**

No que se refere aos procedimentos técnicos utilizados, adotou-se a pesquisa bibliográfica que tem como base materiais já publicados como livros e artigos. Em contraponto também foi utilizada a pesquisa documental com base em fontes primárias e secundárias relacionadas ao Instituto Histórico de Carpina, como documentos institucionais, registros históricos e materiais gráficos. A análise documental, nesse contexto, se apresenta como uma técnica essencial para examinar sistematicamente os registros e compreender os processos de constituição, organização e preservação da informação. Como destacam Marconi e Lakatos (2017), a análise documental permite recuperar dados importantes sobre o objeto estudado a partir de materiais produzidos ao longo do tempo.

Buscando compreender as particularidades e contexto do Instituto, foi utilizado o estudo de caso, modalidade amplamente utilizada nas Ciências Sociais que permite uma análise profunda e detalhada de uma ou mais unidades de estudo. Conforme destaca Gil (2019, p. 34), o estudo de caso consiste no “estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. [...] é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências sociais. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos casos de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento[...] (Gil, 2019, p.34).

### **3.2 Coleta dos dados**

Os procedimentos metodológicos adotados contemplaram, inicialmente, uma revisão bibliográfica fundamentada em obras da Biblioteconomia, da Ciência da Informação, da Museologia e das Ciências Sociais, com o objetivo de estabelecer o embasamento teórico da pesquisa. O levantamento permitiu identificar conceitos, categorias analíticas e referenciais que orientaram as discussões e análises.

Para o estudo de caso foram realizadas visitas técnicas ao Museu do Instituto Histórico de Carpina com o intuito de observar *in loco* sua infraestrutura física, organização do acervo e condições de preservação. Durante essas visitas, foram coletadas evidências empíricas por meio de registros fotográficos e

anotações de campo além de realização de análise documental nos registros dispostos no arquivo do espaço.

Complementarmente, conduziu-se entrevistas semiestruturadas, a fim de coletar informações sobre o funcionamento da instituição, a situação legal do museu, os desafios enfrentados e as perspectivas para sua reativação. Como salienta Minayo (2007, p. 49), a entrevista, enquanto técnica qualitativa, busca compreender as práticas e percepções dos sujeitos por meio de suas narrativas: “sabemos que não é possível apreender fidedignamente as práticas dos sujeitos, mas as narrativas de suas práticas, segundo a visão deste narrador”.

**Quadro 1 – Objetivos e Procedimentos Metodológicos**

<b>Objetivos</b>	<b>Procedimentos Metodológicos</b>
Levantar informações sobre a criação e histórico do Instituto Histórico de Carpina	Levantamento e análise documental
Descrever a situação atual do museu quanto à infraestrutura, acervo e condições de acesso	Visitas técnicas e registros fotográficos
Compreender o papel do museu na preservação da memória e identidade cultural local	Entrevista semiestruturada com responsável pela instituição

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A triangulação entre os dados obtidos nos documentos, nas observações de campo e nas entrevistas foram utilizadas para garantir maior rigor à análise e conferir consistência às interpretações. Essa estratégia metodológica permitiu a validação cruzada das informações, favorecendo uma compreensão mais ampla e fundamentada do objeto de estudo.

## **4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA**

Esta seção apresenta os principais resultados da pesquisa de campo realizada no Instituto Histórico de Carpina (IHC) no município de Carpina-PE, na sua relação com a memória, identidade local e preservação do patrimônio cultural. A partir da análise documental, das observações *in loco* e das entrevistas realizadas com membros da comunidade que contribuíram na salvaguarda e/ou pesquisaram sobre o acervo do museu, busca-se compreender como o espaço é percebido e qual o seu papel na construção simbólica da história carpinense.

Na subseção “Um olhar sobre Carpina-PE” trazemos um resgate histórico e sociocultural da cidade, oferecendo subsídios para compreender o contexto em que o Instituto Histórico foi criado e operou, assim como sua relevância para a população local.

### **4.1 Um olhar sobre Carpina-PE**

Carpina, diferentemente de outras cidades brasileiras formadas em torno de igrejas, acidentes geográficos ou movimentos migratórios, teve origem a partir da exploração e extração de madeira. A notícia de que no altiplano havia uma rica fauna e flora, com variadas espécies de árvores — como angicos, gameleiras, imbuías, paus-ferro e pau-brasil —, bem como a presença de animais como tucanos, araras, tamanduás, onças-pintadas e micos-leões-dourados, atraiu os primeiros desbravadores à região.

Essas terras, segundo a nobiliarquia pernambucana, pertenciam a Luiz Álvares Moreira e Lourença Maria Caldas. Naquele período, era evidente a presença da escravidão nos engenhos, onde o senhor de engenho detinha grande influência política e econômica. A pecuária e a agricultura de subsistência complementavam a produção de cana-de-açúcar, uma vez que o gado servia como força de tração e posteriormente como alimento, além de ter seu couro exportado. A criação de gado contribuiu ainda para a interiorização da colonização, especialmente após a Carta Régia de 1701, que proibiu a presença de rebanhos a menos de sete quilômetros do litoral.

A Guerra dos Mascates foi decisiva para o povoamento da região. Após os conflitos entre comerciantes do Recife e senhores de engenho de Olinda, em 1711, vilas e engenhos olindenses foram incendiados, fazendo com que os patriotas se refugiassem nas florestas do arraial de Tracunhaém (antigo território de Nazaré da Mata), o que hoje compreende Carpina. Esses resistentes, conhecidos como Liga de Tracunhaém, eram liderados por Leão Falcão Eça, que ali descansava com suas tropas.

Posteriormente, com o avanço do plantio de cana-de-açúcar e o desmatamento, a madeira extraída passou a ser exportada a partir do Recife para a Europa. Uma das famílias que se estabeleceu na região foi a Andrade Lima, vinda do Recife para explorar o pau-brasil. Martinho Francisco de Andrade Lima, tanoeiro, também chamado de “carpina”, vivia na chã após emigrar de Portugal com um grupo de tanoeiros, carpinteiros e marceneiros no século XIX. Esse grupo fabricava caixotes para embalar o açúcar destinado à exportação para Portugal.

Outros tanoeiros também passavam e pernoitavam por ali, o que favorecia o descanso dos animais e o consumo de uma bebida conhecida como *cachimbo*, feita com cachaça de mel, utilizada para suportar o frio. No final do século XIX, um tanoeiro chamado Luiz José de Melo residiu na região e também exerceu o ofício de Carpina.

Devido à presença constante desses trabalhadores, o lugar passou a ser chamado de Chã do Carpina. A palavra “carpina” teria origem nos povos cários, significando “arte de lavrar madeira de pino (pinho)”. Em tupi, a palavra tornou-se *karapina*. Posteriormente, o médico Dr. Francisco José Chateaubriand, que se instalara na vila para tratar a doença respiratória da esposa, promoveu o nome “Floresta dos Leões” em seu jornal *Reação*, após plantar diversas árvores exóticas e ornamentar a vila com esculturas de leões em madeira, bronze e cimento — uma delas, vinda da França, foi doada pelo então presidente da República, Afonso Pena.

A atividade econômica inicialmente predominante na localidade era o trabalho dos chamados “carpinas”, que lidavam com a preparação, exportação e construção com madeira. Apesar dos engenhos produzirem cana-de-açúcar, em 1856 essa produção ganhou maior destaque, impulsionando o crescimento territorial da cidade. O município passou a integrar a chamada “civilização do

açúcar”, que caracterizava grande parte do estado de Pernambuco. Os bangüês (engenhos movidos por tração animal) ainda resistiam, coexistindo com mais de 30 engenhos a vapor e com a usina eletrotérmica Petribu, voltada à produção de açúcar e etanol, que passou a empregar muitos carpinenses.

Até a década de 1950, metade da produção de cana era realizada pela usina, e a outra metade pelos trabalhadores rurais, que plantavam cana, mandioca e outros produtos em regime de cambão — sistema em que o trabalhador dedicava três dias da semana ao engenho e três dias à sua própria lavoura. Havia ainda outras modalidades de trabalhadores, como o tiququeiro e o leiteiro.

Localizada a aproximadamente 60 km da capital pernambucana, Recife, Carpina integra a Zona da Mata Norte e possui cerca de 82.682 habitantes em uma área de 146,12 km<sup>2</sup>. Inicialmente habitada por povos indígenas tapuias e posteriormente pelos tupis, a cidade possui parte significativa de sua economia baseada na atividade canavieira e, outrora, foi reconhecida pelo turismo cultural associado às festividades juninas e à tradicional Festa de Reis, que contava com apresentações de pastoril e *bumba meu boi*.

Durante as décadas de 1960 a 1990, o Instituto Histórico de Carpina esteve ativo, contando com um acervo construído por meio de doações de famílias da classe média alta local. Foram doados objetos de engenhos, joias, vestimentas, peças eclesiásticas — como estandartes de procissão — e objetos ligados à religiosidade, cultura e organizações fraternais, como a Loja Maçônica de Carpina, cuja história é contada por meio de quadros e documentos presentes no acervo.

A sede do Instituto Histórico de Carpina (IHC), situada na Praça Lourival da Silva Bastos, foi fundada em 11 de setembro de 1962 por um grupo de cidadãos idealistas, liderados pelo Dr. José Eduardo da Silva Brito, odontólogo e professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O prédio foi doado por José Fernando Lobo, e sua restauração contou com o apoio de Otávio Gonçalves Guerra, Severiano José Freire, José Pereira Cardoso e outros fundadores (Marinho, 2018).

Atualmente, o prédio encontra-se inativo e necessita de intervenções urgentes para a recuperação do acervo. Por esse motivo, torna-se essencial

compreender seu valor histórico e simbólico para a cidade e a urgência da preservação desse patrimônio.

#### **4.2 Memória Silenciada: os impactos da inatividade do instituto histórico de Carpina**

Nesta subseção, buscou-se analisar os impactos sociais, culturais e patrimoniais decorrentes da desativação do Instituto Histórico de Carpina (IHC), a partir dos dados obtidos nas entrevistas e observações de campo. A inatividade do museu – em 2018 apesar da reforma no teto antes de madeira, agora substituído por pvc - gerou consequências significativas para a preservação da memória coletiva da cidade e para o fortalecimento da identidade cultural local.

A entrevista realizada com o agente responsável revelou que a falta de investimentos, o abandono institucional e a ausência de políticas públicas voltadas à cultura foram fatores determinantes para o fechamento gradual do museu. Além disso, a descontinuidade das atividades educativas e expositivas comprometeu o vínculo da população com os objetos, documentos e narrativas históricas ali preservadas.

Os moradores, especialmente os mais velhos, relatam com pesar a perda do espaço que antes abrigava não apenas peças de valor material, mas também memórias afetivas ligadas à história dos engenhos, das festas religiosas e das tradições locais. A desativação do IHC interrompeu o processo de mediação cultural entre gerações, deixando lacunas na formação da identidade coletiva.

O estado de conservação do acervo é motivo de preocupação. Durante as visitas técnicas, foi possível observar que muitos objetos encontram-se mal acondicionados, expostos à umidade, poeira e deterioração. A ausência de ações de preservação coloca em risco a integridade de itens únicos, que representam testemunhos da trajetória histórica de Carpina.

Ainda assim, há sinais de resistência e desejo de reativação por parte da comunidade. A ideia de que o museu deve voltar a funcionar está presente nos discursos dos entrevistados: o historiador e a mantenedora do espaço, que o veem como símbolo de pertencimento e orgulho local. O resgate da memória e a valorização do patrimônio cultural dependem, portanto, de um esforço coletivo que envolva poder público, instituições de ensino, agentes culturais e moradores da cidade.

Os entrevistados reforçaram a importância dos museus na manutenção das tradições locais. Como afirmou historiador do Instituto Histórico de Carpina: *"Aqui, a gente não guarda só objeto, guarda história. Cada peça conta uma parte da vida das pessoas que vieram antes da gente, e isso faz com que a comunidade se veja"* (Entrevistado 1).

### **4.3 Museus da Zona da Mata Norte: desafios e possibilidades**

A partir da análise do Instituto Histórico de Carpina, tornou-se relevante ampliar o olhar para os museus localizados na região da Zona da Mata Norte de Pernambuco, espaço marcado por uma rica herança histórica e cultural. Essas instituições enfrentam contextos semelhantes, com desafios estruturais, institucionais e simbólicos que comprometem sua atuação como espaços de memória, identidade e educação.

A Zona da Mata Norte, tradicionalmente vinculada à cultura canavieira, abriga acervos que testemunham a formação social, econômica e religiosa da região. Museus como o Museu do Mamulengo (em Glória do Goitá), o Museu da Cachaça (em Vicência), e o Museu de Igarassu – considerado um dos mais antigos do Brasil – exemplificam a diversidade patrimonial existente, ao mesmo tempo em que revelam a carência de investimentos contínuos em políticas públicas voltadas à preservação e à valorização desses espaços.

Entre os principais desafios identificados estão: a insuficiência de recursos financeiros e humanos; a ausência de planos de gestão museológica; a precariedade na conservação dos acervos; e a falta de integração com a comunidade local e com as redes de ensino. Tais fatores dificultam a consolidação dos museus enquanto agentes de transformação social e limitam seu papel na valorização da história regional. Nesse sentido, Chagas (2009) observa que muitos museus brasileiros ainda operam em condições precárias, com escasso reconhecimento institucional e dificuldades de articulação em rede.

Contudo, também é possível identificar iniciativas que apontam para caminhos promissores. Em alguns casos, a atuação de coletivos culturais, associações civis e universidades tem contribuído para a revitalização de acervos, realização de eventos culturais, digitalização de documentos e atividades educativas. Essas ações demonstram que, apesar das dificuldades,

os museus da Zona da Mata Norte mantêm seu potencial de ressignificar o passado e promover cidadania cultural. Para Santos (2012), os museus regionais são fundamentais na articulação entre memória social e identidade local, sendo capazes de fomentar processos participativos e educativos.

No contexto da Ciência da Informação, essas instituições desempenham papel estratégico na organização, mediação e preservação da informação cultural. Elas funcionam como dispositivos de memória social, capazes de construir sentidos, promover o pertencimento e estimular a participação comunitária. De acordo com Tálamo e Marandino (2005), os museus são espaços de produção de conhecimento e devem ser entendidos como ambientes comunicacionais que estabelecem relações entre o acervo, os discursos e os visitantes.

Assim, os museus da Zona da Mata Norte, mesmo diante das adversidades, permanecem como espaços de resistência simbólica e possibilidades futuras. A reativação do Instituto Histórico de Carpina, nesse cenário, pode se integrar a uma rede mais ampla de valorização patrimonial regional, fomentando trocas de saberes e ações colaborativas voltadas à memória e à identidade das populações locais.

Os relatos também evidenciaram o papel educativo dos museus. Uma professora visitante do Museu de Nazaré da Mata destacou: *"Trazer meus alunos aqui é mostrar que a história deles importa. Eles veem o maracatu, os mamulengos, e entendem que fazem parte disso"*. Essa fala reforça a ideia de Araújo (2014) sobre os museus como espaços de mediação, onde objetos se transformam em ferramentas de construção cidadã.

#### **4.5 A Relação da comunidade com o museus e seus acervos**

O Instituto Histórico de Carpina (IHC) desempenha um papel fundamental na preservação da memória e identidade cultural da cidade. Fundado há mais de sessenta anos, o IHC abriga um acervo diversificado que inclui documentos, fotografias, objetos históricos e obras de arte que narram a trajetória de Carpina e sua população. Apesar de sua importância, o museu ainda é pouco conhecido entre os próprios moradores, conforme apontado por Birro e Sousa Júnior (2024).

**Figura 1-** Fachada do Instituto Histórico de Carpina



Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Para aprofundar a compreensão sobre a relação da comunidade com o museu e seus acervos, foi realizada uma entrevista com o historiador e administrador da página "Carpina – Capital da Mata Norte" no Facebook. A página, criada em 2015, surgiu do interesse pessoal do historiador pela história local e da percepção de lacunas nas fontes disponíveis: *"Sempre tive curiosidade em saber mais sobre a história de Carpina, suas tradições, monumentos e personagens. Inicialmente, busquei essas informações em livros e sites, que me serviram de base. Contudo, algumas lacunas presentes nessas fontes aguçaram ainda mais minha curiosidade e despertaram o desejo de ir em busca de mais informações"*(Entrevistado 1).

A criação da página pública teve como objetivo ampliar o acesso às informações históricas e culturais do município como destaca o historiador *"Em 2015, criei a página pública 'Carpina – Capital da Mata Norte' no Facebook, com o intuito de divulgar não apenas dados históricos, mas também informações sobre a cultura, personalidades e belezas arquitetônicas e naturais do município, permitindo que um número maior de pessoas tivesse acesso ao conteúdo"* (Entrevistado 1).

Questionado sobre o papel que o museu e a página "Carpina – Capital da Mata Norte" desempenham na preservação da cultura, memória e identidades locais, o entrevistado ressalta que *"O historiador francês Pierre Nora introduziu o conceito de 'lugares de memória', referindo-se a tudo aquilo que não caiu no*

*esquecimento devido aos nossos laços afetivos, como monumentos, eventos, festas, símbolos, figuras populares e instituições. A valorização desses objetos só existe quando há conhecimento sobre eles. Nesse sentido, tanto os museus quanto a página colaboram significativamente, pois são ambientes de divulgação de dados históricos e culturais de uma localidade, gerando um sentimento de identidade, pertencimento e valorização de memórias" (Entrevistado 1).*

Sobre a página no Facebook atuar como um espaço de memória digital, facilitando o acesso da comunidade às informações históricas, o historiador sublinha: *"A página no Facebook funciona como um espaço de memória digital, permitindo que as pessoas tenham acesso a informações históricas, culturais e patrimoniais de Carpina. Ao compartilhar fotos antigas, relatos, curiosidades e eventos marcantes, proporciono aos usuários a oportunidade de se reconectar com suas raízes, reviver memórias e fortalecer o sentimento de pertencimento à cidade" (Entrevistado 1).*

Sobre os desafios que enfrenta no processo de pesquisa e seleção do material compartilhado o historiador destaca que envolve tanto pesquisa de campo quanto bibliográfica, enfrentando desafios como deslocamento e conservação inadequada de documentos, assim diz: *"Busco informações históricas e culturais do município em fontes primárias presentes em acervos de museus, bibliotecas e arquivos. Ao encontrar material de interesse, faço fotos ou anotações, destacando o nome da fonte, o ano de publicação e uma breve descrição do assunto. Um dos principais desafios enfrentados é o deslocamento, pois muitas vezes é necessário ir a acervos disponíveis em outras cidades, e nem sempre tenho tempo ou recursos para realizar essas visitas. Além disso, a conservação inadequada de alguns documentos e a dificuldade de acesso a determinadas fontes também representam obstáculos no processo de pesquisa" (Entrevistado 1).*

A seguir, serão apresentadas algumas imagens referentes ao acervo do Museu de Carpina, que ilustram momentos importantes da história local e nacional. Essas imagens, que incluem fotografias históricas e matérias jornalísticas antigas, fazem parte do rico acervo do museu e ajudam a preservar a memória de eventos e personagens que marcaram a cidade de Carpina e o Brasil ao longo dos anos. Por meio dessas imagens, é possível compreender

melhor a evolução cultural, social e política da região, além de entender a importância de preservar esses registros para as futuras gerações.

A fotografia abaixo apresenta um momento histórico da inauguração do calçamento da Avenida Stácio Coimbra, uma obra importante para a cidade de Carpina. O Museu de Carpina, por sua vez, serve como um repositório dessas memórias históricas, preservando fotografias, documentos e objetos que ajudam a contar a história do desenvolvimento urbano e social da região. A inclusão de eventos como a inauguração do calçamento no acervo do museu contribui para a valorização da identidade local e para a compreensão da evolução da infraestrutura e do modo de vida na cidade. Dessa forma, tanto o museu quanto a foto representam marcos importantes que celebram o crescimento e a transformação de Carpina ao longo das décadas.

**Figura 2** - Inauguração do Calçamento da Avenida Stácio Coimbra



Fonte: Acervo documental do IHC (2025)

A próxima imagem mostra várias matérias de jornal dos anos 1970/1980, abordando temas históricos do Brasil, com destaque para "A História do Brasil na Pintura". Esse tipo de material é significativo para o Museu de Carpina, pois ajuda a preservar a memória visual e escrita do país, particularmente sobre a história de sua formação, cultura e eventos marcantes. As matérias, também fazem parte de um acervo permanente do museu, oferecem uma janela para o

passado, possibilitando que as novas gerações compreendam melhor o contexto histórico e cultural do Brasil.

**Figura 3-** Matérias de jornal de 1970/80



Fonte: Acervo documental o IHC (2025)

A próxima imagem mostra uma cúpula que abriga uma imagem de Nossa Senhora das Graças, um objeto de devoção importante e um exemplo de arte religiosa. Este tipo de peça, preservada no Museu de Carpina, reflete a religiosidade e as tradições culturais locais. A cúpula, feita de madeira, protege a imagem e adiciona valor histórico, sendo um excelente exemplo de como o museu mantém e exhibe objetos que representam a fé e os costumes da comunidade. A preservação desses itens é essencial para compreender as práticas espirituais e as influências religiosas na formação da identidade cultural de Carpina e das regiões circunvizinhas ao longo do tempo.

**Figura 4-** Cúpula abrigando Nsa. Das Graças.



Fonte: Acervo documental o IHC (2025)

A seguir a Figura 5 mostra um desfile municipal em Carpina, com crianças e adultos participando, destacando-se as meninas segurando bandeiras. Essa fotografia faz parte do acervo do Museu de Carpina e representa momentos de celebração e engajamento comunitário, essencial para entender as tradições e a identidade local. O museu preserva essas imagens para conectar as gerações passadas às atuais, mantendo vivas as memórias de eventos importantes.

**Figura 5-** Desfile Cívico Municipal



Fonte: Acervo documental o IHC (2025)

Os achados da entrevista evidenciaram a relevância na ação de preservação e disseminação da memória local, especialmente em contextos onde o acesso físico aos museus é limitado. A atuação de agentes comunitários na mediação digital contribui significativamente para o fortalecimento da identidade cultural e o engajamento da população com seu patrimônio histórico.

Para o historiador e pesquisador local, o IHC é um instrumento importante na formação da identidade carpinense, assim sinaliza: *"O Instituto Histórico de Carpina é um espaço de memória que ajuda a consolidar uma identidade local. Ele guarda não apenas objetos, mas histórias que conectam gerações"* (Entrevistado 1).

A relação entre a comunidade e o museu é marcada por histórias de dedicação e afeto. A ex-funcionária e cuidadora voluntária do IHC, compartilha sua trajetória no IHC: *"Na época em que eu tinha 16 anos, quando eu entrei no*

*museu, o meu pai tinha falado com o Neo Maguary — ele era o prefeito... Aí me chamou pra dizer que ia casar e que ia me botar lá no lugar dela"*(Entrevistada 2).

Sua dedicação ao museu transcendeu as obrigações profissionais. Mesmo após sua aposentadoria, ela continuou a cuidar do espaço, realizando limpezas e pequenas manutenções por conta própria: *"Eu vou fazer assim: estou viajando quarta-feira pra Aracaju com uma turma da igreja... Aí, quando eu voltar, eu vou fazer um enxerto lá, lavar, deixar tudo limpinho"*(Entrevistada 2).

A presença constante de visitantes, especialmente estudantes, era uma realidade no museu, como sugere a ex-funcionária: *"Tinha dia de entrar 20 pessoas, de manhã, 20, de tarde... E vinha da escola. É porque eu gostei tanto [...] Que a pessoa entrava e gostava de entrar ali". "Tinha menino que ia todo dia. Todo dia. Em grupo de 3, 4, e vinha da escola[...]"* (Entrevistada 2).

A cuidadora ainda lembra de quão viva era a presença do museu na cidade: *"Na época em que trabalhei lá, comecei com 16 anos. Foi um período muito útil pra mim. Acho que foi mais ou menos na época da emancipação política da cidade. Sempre havia reuniões: todo mês, no começo do mês, se reuniam os sócios, o prefeito e alguns vereadores também. [...] discutiam todos os assuntos da prefeitura, tanto do prefeito quanto de outros setores. Era uma troca muito viva, participativa"* (Entrevistada 2).

Ela também relembra sua participação na organização dos desfiles cívicos: *"O desfile do dia 11, ele fazia aquela lista da escola toda que vinha do município e vinha dos municípios, né? Do município atual, aqui de Carpina. Por exemplo, a escola municipal e estadual, ele fazia os convites lá. E alguns eu ia e entregava nas escolas. Outros, ele chamava um dos membros lá do museu, e eles saíam entregando também, nas escolas"* (Entrevistada 2)..

No entanto, o museu enfrenta desafios significativos, como a falta de apoio institucional e a deterioração de seu acervo. A ex funcionária relata um episódio preocupante: *"Teve ladrão, entrou pelo quintal da construção... Derrubou o muro do museu, foi um buraco bem grande, e entrou pra dentro da bomboniere"*(Entrevistada 2). Esses relatos evidenciam a necessidade urgente de políticas públicas que garantam a preservação do patrimônio cultural local e incentivem a participação da comunidade na gestão e valorização do museu.

Buscando entender como a gestão atual vê a situação do IHC, conversamos com a secretária da gestão municipal para entender os planos para o museu. Quando perguntada sobre a importância do museu para a memória da cidade o entrevistado diz: *“O museu é um patrimônio fundamental para Carpina. Ele guarda histórias, objetos e documentos que contam a trajetória do nosso povo e reforçam o sentimento de pertencimento. Mesmo inativo, ele segue sendo um símbolo de orgulho para a comunidade”* (Entrevistada 3). A fala evidencia a dimensão imaterial do museu que para além de espaço físico, representa a memória coletiva, reunindo objetos e documentos que narram a trajetória local.

Sobre os planos futuros a secretária destaca que existe um projeto encaminhado para revitalização e ativação do espaço: *“A ideia é não só reabrir o espaço, mas torná-lo um centro de cultura vivo, com exposições, atividades educativas e envolvimento da população. Sabemos que isso exige recursos e apoio coletivo, mas já estamos em diálogo com o governo estadual e possíveis patrocinadores”* (Entrevistada 3). Essa abordagem aponta para uma ressignificação do espaço, muito embora os entraves existam e seja necessário articulações com outras instituições.

Por fim a entrevistada reforça a importância da participação coletiva para o fortalecimento do vínculo afetivo entre a população e o museu *“A preservação da memória depende do engajamento de todos: poder público, escolas, artistas e, principalmente, dos moradores. Queremos ouvir sugestões, contar com voluntários e fortalecer essa ligação afetiva que as pessoas têm com o museu. A cultura se faz com participação, e Carpina tem tudo para resgatar esse espaço com força total”* (Entrevistada 3).

Essa visão dialoga com práticas contemporâneas de gestão museológica participativa, que reconhecem o papel ativo dos cidadãos na preservação e dinamização dos acervos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu compreender a relevância do Instituto Histórico de Carpina (IHC) como espaço de preservação da memória, identidade e patrimônio cultural do município. Ao longo do trabalho, foi possível observar que, apesar de Carpina possuir uma trajetória histórica singular — marcada pela exploração da madeira, pela cultura canavieira e pela resistência de movimentos locais como a Liga de Tracunhaém —, sua memória encontra-se em risco devido à inatividade do IHC e à ausência de políticas públicas voltadas à preservação patrimonial.

O Instituto, fundado em 1962, teve papel central na guarda de objetos, documentos e símbolos que contam a história da cidade. No entanto, seu fechamento gerou impactos significativos, como o enfraquecimento do vínculo intergeracional com a memória local, o esquecimento de tradições e a deterioração de acervos valiosos. Esses impactos foram intensificados pela falta de investimentos e de ações institucionais que promovam a valorização do patrimônio histórico-cultural carpinense.

Ao analisar o caso do IHC em diálogo com a realidade dos museus da Zona da Mata Norte de Pernambuco, percebe-se que o cenário não é isolado. Muitos desses espaços enfrentam dificuldades semelhantes, como escassez de recursos, abandono estrutural e pouco reconhecimento por parte da população. Ainda assim, existem possibilidades de reativação e fortalecimento, sobretudo quando há envolvimento comunitário, apoio institucional e articulação com universidades e coletivos culturais.

A reativação do Instituto Histórico de Carpina não representaria apenas a reabertura de um prédio, mas a recuperação de um espaço de pertencimento, de educação patrimonial e de afirmação da identidade local. Um museu ativo no município possibilita o resgate de memórias esquecidas, a valorização da história oral, a construção de narrativas compartilhadas e o fortalecimento de laços sociais. Além disso, atua como instrumento pedagógico, contribuindo para a formação crítica dos cidadãos, especialmente das novas gerações.

Portanto, este trabalho reafirma a importância da preservação do IHC como uma ação estratégica para a manutenção da história viva da cidade de

Carpina. A memória, quando silenciada, compromete o sentido de continuidade e pertencimento; por isso, revitalizar o museu é um passo fundamental para garantir que as vozes do passado continuem ecoando no presente.

Em suma, podemos concluir que mesmo em situação de inatividade o IHC, permanece como um importante referencial de memória e identidade para a cidade. A percepção dos entrevistados reforçam a noção de que o patrimônio cultural não se restringe à dimensão física, mas envolve valores simbólicos e afetivos e que ressignificado poderá se reafirmar na construção de identidades coletivas e na memória local.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jobson Louis Santos; PERUCCHI, Valmira; FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. **Ciência-ação em Ciência da Informação: um método qualitativo em análise**. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, v. 25, p. 01-24, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2020.e66993>.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros; São Paulo: Associação Brasileira de Profissionais da Informação (ABRAINFO), 2014. ISBN 978-85-85637-54-5.

BIRRO, Renan Marques; PEREIRA DE SOUSA JÚNIOR, José. SOB AS SOMBRAS DO LEÃO DE BRONZE: O INSTITUTO HISTÓRICO DE CARPINAPE E A CONSOLIDAÇÃO DA COMUNIDADE IMAGINADA CARPINENSE. **Mneme - Revista de Humanidades**, [S. l.], v. 26, n. 49, p. 1–27, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/37863>. Acesso em: 16 ago. 2025.

BRASIL. V. 26, n. 49 (2024): Dossiê: **Institutos Históricos e Geográficos no Brasil**: acervos, intelectuais e historiografias. [S.l.: s.n.], 2024.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Art. 216. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 20 jul. 2024.

CHAGAS, Mário. **Museus, memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CHAGAS, Mário. **Museus, memória e patrimônio: reflexões contemporâneas**. *Revista Museologia e Patrimônio*, v. 2, n. 1, 2009.

CHAGAS, M. S. (2020). "Ciência e Sociedade no Brasil Contemporâneo". In: **Colóquio MAST de História da Ciência**, 15. ed. Rio de Janeiro: MAST. Disponível em: [[www.mast.br/coloquio2020](http://www.mast.br/coloquio2020)]. Acesso em: 01 ago. 2025.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Orgs.). **Conceitos-chave de museologia**. Tradução de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013.

FERREIRA, Maria Leticia M. **Objetos, lugares de memória**. In: *Fotografia e memória*. Organização de Maria Leticia M. Ferreira. São Paulo: Editora Senac, 2008. p. 15-30.

FUNMUSEU. **Museus e comunidades locais: parceria de sucesso.** Fundação Museu do Homem Americano, 2022. Disponível em: <https://funmuseu.com.br/mundo/brasil/museus-e-comunidades-locais-parceria-de-sucesso/>. Acesso em: 14 maio 2025.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019. 248 p. ISBN 978-85-9702-057-1.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective.** Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1968.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 1990.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 1996: características da população e indicadores socioeconômicos das regiões brasileiras.** Rio de Janeiro: IBGE, 1997.

ICOMOS. **Carta de Veneza: Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios.** Veneza, 1964. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2025.

JUNG, Carl G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LINO, Ítalo César. **Soul Carpinense: a identidade cultural na formação social de Carpina.** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2023.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **O que é patrimônio histórico?** 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2017. 95 p. (Coleção Primeiros Passos; 350). ISBN 978-85-11-35049-4.

LINO, Maria Aparecida. **Museus locais e identidade cultural: o caso do Instituto Histórico de Carpina.** 2023. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

MARINHO, Josi; FERREIRA, Paulo; VENERANDO, Sivaldo. **Carpina, Terra do Leão do Norte.** Carpina-PE: Ed. dos Autores, 2018. 297 p. II. ISBN: 978-85-86320-00-2.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 25. ed. rev. e atual. Petrópolis: Vozes, 2007.

PEREIRA, Nilo. **História e tradição**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1983.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SANTOS, José Luiz Fiorin dos. **Museus comunitários e identidades locais: espaços de negociação cultural**. *Revista Brasileira de História*, v. 32, n. 64, 2012.

SILVA, Valter. **A identidade cultural e a importância da memória nos museus locais: o caso do Instituto Histórico de Carpina**. *Revista Mneme*, UFRN, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/download/37863/19857/137301>. Acesso em: 14 maio 2025.

SMITH, Laurajane. **Uses of heritage**. London: Routledge, 2006.

TÁLAMO, M.; MARANDINO, M. **Educação em museus: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência**. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v. 22, n. 1, 2005.

## APÊNDICE – REGISTROS DO ACERVO DO INSTITUTO HISTÓRICO DE CARPINA

Primeiro prefeito de Carpina e esposa, Cel. Ernesto Pompílio do Rego.



Fonte: Fonte: Galeria do autor a partir do acervo documental do IHC (2025)

Inauguração da avenida Assis Chateaubriand.



Fonte: Galeria do autor a partir do acervo documental do IHC (2025)

Banheira pertencente a baronesa de Tracunhaém

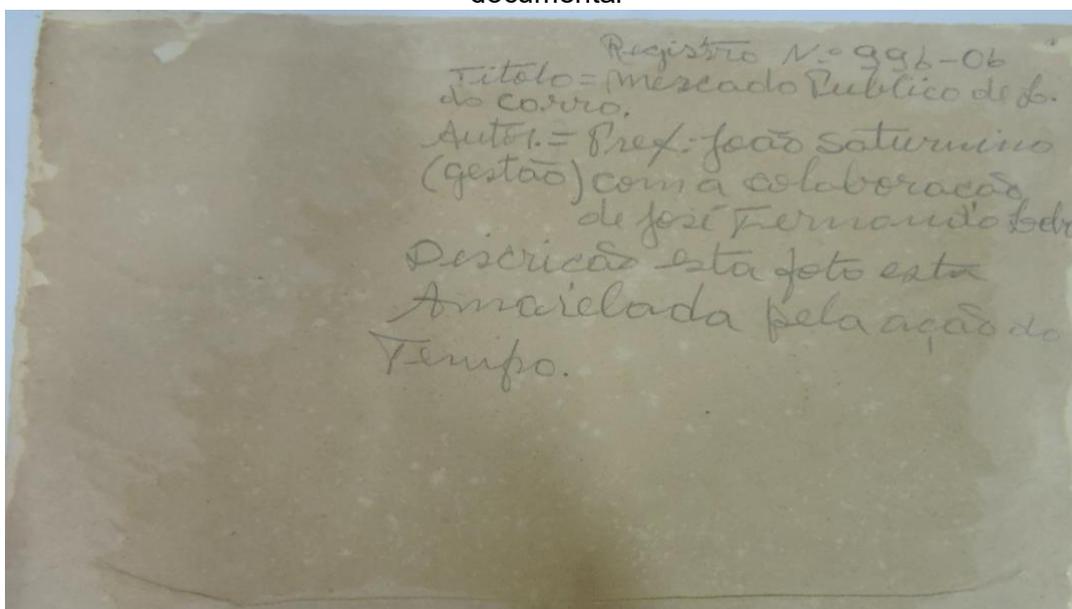


Fonte: Galeria do autor, acervo documental do IHC (2025)

## Comemoração



Fonte: Galeria do autor.

Verso da fotografia do mercado público de Lagoa do Carro  
documental

Fonte: Galeria do autor, acervo documental do IHC (2025)

Acervo documental do IHC (2025)



Fonte: Galeria do autor, acervo documental do IHC (2025)

Mercado público de Lagoa do Carro



Fonte: Acervo documental do IHC (2025)

Criança de família tradicional carpinense.



Fonte: Galeria do autor.

Colaboradores da empresa ferroviária Great Western, em ligação no IHC.



Fonte: Galeria do autor.

Personalidades em comemoração.



Fonte: Galeria do autor.

Desfile cívico de Carpina



Fonte: Galeria do autor.

Interior do IHC, anexo construído a posteriori.



Fonte: Elaborado pelo autor (a) (2025)

## ANEXOS – FOTOS DA INAUGURAÇÃO DO IHC

**Inauguração do Instituto Histórico de Carpina em 11 de setembro de 1964 com a presença do governador Paulo Pessoa Guerra**



Fonte: Sousa Júnior e Birro, 2024

**Governador Paulo Guerra cortando a fita de inauguração do Instituto Histórico.**



Fonte: Sousa Júnior e Birro, 2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

PASSOS, ANA SUELLEN LUNA.

Um museu para Carpina-PE: Memória, Patrimônio e Identidade. / ANA SUELLEN LUNA PASSOS. - Recife, 2025.

53

Orientador(a): AURELIANA LOPES DE LACERDA TAVARES

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Biblioteconomia, 2025.

Análise do Museu Instituto Histórico de Carpina mediante pesquisa qualitativa, revisão bibliográfica e de acervo. Verificou-se que a instituição, embora inacessível ao público e com divulgação restrita a redes sociais não-oficiais, preserva a memória local. Contudo, carece de difusão sistemática de seu acervo, dependendo de ações independentes. Conclui-se que a integração entre Biblioteconomia e Museologia é essencial para organização, disseminação e preservação da identidade local..

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Instituto Histórico de Carpina. 2. memória coletiva. 3. patrimônio cultural .  
4. identidade local. 5. museus regionais. 6. Carpina. I. LOPES DE LACERDA TAVARES, AURELIANA . (Orientação). II. Título.



Serviço Público Federal  
Universidade Federal de Pernambuco Centro de Artes e Comunicação  
Departamento de Ciência da Informação

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**UM MUSEU PARA CARPINA-PE: memória, patrimônio e identidade**

**ANA SUELLEN LUNA DOS PASSOS**

---

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora, apresentado no Curso de Biblioteconomia, do Departamento de Ciência da Informação, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

TCC aprovado em 12 de agosto de 2025

Banca Examinadora:

---

**AURELIANA LOPES DE LACERDA TAVARES** - Orientador(a)  
Universidade Federal de Pernambuco - DCI

---

**KAREN ISABELLE DOS SANTOS D'AMORIM** – Examinador(a) 1  
Universidade Federal de Pernambuco - DCI

---

**CÉSAR WALTONYER DE ARAÚJO SILVA** - Examinador(a) 2  
(PPGCI/UFPE)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**ANA SUELLEN LUNA DOS PASSOS**

**UM MUSEU PARA CARPINA-PE: Memória, Patrimônio e Identidade**

**RECIFE  
2025**

ANA SUELLEN LUNA DOS PASSOS

**UM MUSEU PARA CARPINA-PE: Memória, Patrimônio e Identidade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Aureliana Lopes de Lacerda Tavares

**RECIFE  
2025**

## UM MUSEU PARA CARPINA-PE: MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E IDENTIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

### BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aureliana Lopes Tavares Universidade Federal de Pernambuco

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>o</sup>. Me. César (Examinador Interno) Universidade Federal de Pernambuco

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>o</sup>. Dr. Karen (Examinador Externo)

Dedico este trabalho a minha mãe, Angélica Luna  
aos meus avós Milton e Maria Ana  
as minhas tias Andreia e Jaqueline.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, minha mãe que pacientemente pôs-se à disposição de minhas empreitadas às 4h da manhã e ao meu pai, que me aconselhou a não desistir de nada e levar minhas decisões até o fim. Vocês são a maior fonte de amor que eu nunca imaginei receber. Sou grata a Aureliana Lopes professora cuja orientação e trabalho me deixa admirada e me impulsionam a ser melhor, sua sabedoria e apoio foram essenciais na minha formação.

Agradeço ao bibliotecário Aécio Alberdam por indicar caminhos para a reativação do museu; também agradeço a Ceça ex-funcionária do IHC e ao historiador Rodrigo pela contribuição nesta pesquisa. Agradeço a Diego Salcedo por ter apresentado o universo da iniciação científica, apesar da minha falta de comprometimento. Agradeço à Teresa, Paulo e Renato por terem tantas vezes atendido às minhas solicitações.

Agradeço a Ana Elizabeth e Sônia Aguiar por terem oportunizado que eu fizesse monitoria, uma durante a pandemia e a outra posteriormente. Agradeço ao professor Lourival Pereira pelo apoio nos dois últimos períodos e pela condução poética das disciplinas que ministrou.

Agradeço a Danúbia pelo incentivo, mesmo que os meus passos fossem pequenos e vagarosos não economizou nas palavras de apoio e credibilidade.

Agradeço aos amigos, Leonardo Marçal que tornou algumas experiências frustrantes, mais leves; e a Laura Selva pelos puxões de orelha, mesmo que eu não a tenha escutado.

Agradeço aos bibliotecários e servidores que integram a equipe das bibliotecas onde realizei estágio, cada qual “deixou um pouco de si” em meu fazer, em especial a Ana, então bibliotecária da biblioteca de educação, também a Sra. Veronilda, Sr. Gercino, Letícia, Israel, Luana Gomes e Sandra Rafaela.

Agradeço a Willian Alves pela partilha enquanto amigo e colega de estágio supervisionado.

Agradeço a Raíssa, Kaline, Ericke, Tarcísio, Camila, Lívia e aos demais amigos do “busão” que na espera e trajeto até o ônibus trocaram ideias e alegraram o meu dia.

Agradeço a Deus por conduzir essa jornada mostrando que não estou por minha conta e posso levar a ele os meus problemas, medos e incertezas.

*“De certo ponto em diante não há volta, esse é o ponto que deve ser alcançado”  
(Franz Kafka).*

## RESUMO

Este trabalho analisa o papel do Museu, o Instituto Histórico de Carpina como espaço de preservação da memória e da identidade local. A partir de fundamentos teóricos sobre memória coletiva, patrimônio cultural e identidade, são discutidos os aspectos históricos e conceituais dos museus, com ênfase em sua função social e cultural. A pesquisa, de natureza qualitativa, baseou-se em levantamento bibliográfico e análise do acervo do museu, que atualmente se encontra fechado ao público, com algumas fotografias e documentos acessíveis de forma parcial apenas por meio de uma página em rede social digital — iniciativa não tutelada pelos órgãos oficiais, no caso, a prefeitura. Os resultados revelam que, mesmo diante das limitações físicas, o museu cumpre o papel de guardião da memória local; no entanto, não promove a difusão sistemática de seus artefatos nem o fortalecimento da identidade carpinense, limitando-se a ações pontuais realizadas por agentes que divulgam o acervo de forma independente. Conclui-se que a atuação integrada entre Biblioteconomia e Museologia é essencial para a organização, preservação e disseminação da informação cultural, especialmente em contextos de acesso remoto ou restrito. Além disso, o engajamento comunitário e o reconhecimento do museu como espaço de pertencimento são fundamentais para a efetiva preservação da memória e da identidade local.

**Palavras-Chave:** memória coletiva; patrimônio cultural; identidade local; museus regionais; Instituto Histórico de Carpina.

## ABSTRACT

This study examines the role of the Museu do Instituto Histórico de Carpina as a space for preserving local memory and identity. Based on theoretical foundations of collective memory, cultural heritage, and identity, the historical and conceptual aspects of museums are discussed, with an emphasis on their social and cultural functions. The research, of a qualitative nature, relied on a literature review and analysis of the museum's collection, which is currently closed to the public, with only some photographs and documents partially accessible through a social media page—an initiative not overseen by official authorities, in this case, the city government. The results reveal that, despite physical limitations, the museum its role as a guardian of local memory; however, it does not promote the systematic dissemination of its artifacts or the strengthening of Carpina's identity, limiting itself to isolated actions carried out by individuals who share the collection independently. It is concluded that an integrated approach between Library Science and Museology is essential for the organization, preservation, and dissemination of cultural information, especially in contexts of remote or restricted access. Furthermore, community engagement and recognition of the museum as a space of belonging are crucial for the effective preservation of local memory and identity.

**Keywords:** collective memory; cultural heritage; local identity; regional museums; Historical Institute of Carpina.

## **LISTA DE ABREVIACOES**

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHC – Instituto Histórico de Carpina

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PNM – Política Nacional de Museus

PIB – Produto Interno Bruto

## SUMÁRIO

<u>1 INTRODUÇÃO</u> .....	13
<u>2 REFERENCIAL TEÓRICO</u> .....	16
<u>2.1 Memória, patrimônio e identidade</u> .....	17
<u>2.1.1 A construção da memória coletiva</u> .....	18
<u>2.1.2 Políticas públicas para a preservação da Memória Museológica</u> .....	19
<u>2.2 Aspectos históricos e conceituais</u> .....	21
<u>2.2.1 A Evolução dos museus e suas funções sociais</u> .....	22
<u>2.2.2 Museus locais e o fortalecimento das culturas regionais</u> .....	23
<u>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</u> .....	25
<u>3.1 Procedimentos técnicos</u> .....	26
<u>3.2 Coleta de dados</u> .....	26
<u>4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA</u> .....	28
<u>4.1 Um Olhar sobre Carpina</u> .....	28
<u>4.2 Memória Silenciada: Os Impactos da Inatividade do Instituto Histórico de Carpina</u> .....	31
<u>4.3 Museus da Zona da Mata Norte: Desafios e Possibilidades</u> .....	32
<u>4.5 A Relação da Comunidade com os Museus e seus Acervos</u> .....	33
<u>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</u> .....	41
<u>REFERÊNCIAS</u> .....	43
<u>APÊNDICE – REGISTROS DO ACERVO DO INSTITUTO HISTÓRICO DE CARPINA</u> .....	46
<u>ANEXOS</u> .....	53
<u>Anexo 1 - Inauguração do Instituto Histórico de Carpina em 11 de setembro de 1964 com a presença do governador Paulo Pessoa Guerra</u> .....	53
<u>Anexo 2 - Governador Paulo Guerra cortando a fita de inauguração do Instituto Histórico</u> .....	53

## 1 INTRODUÇÃO

O museu, enquanto unidade de informação, tem como função essencial a preservação da memória documental, o estímulo ao conhecimento e a democratização do acesso à cultura. Conforme destaca Lemos (2017), trata-se de uma instituição que expressa a identidade coletiva, revelando as complexidades, valores e certezas de um povo por meio das evidências materiais. No entanto, essa conexão entre os sujeitos e os artefatos museológicos exige não apenas a conservação do acervo, mas também a salvaguarda do espaço físico que o acolhe.

A partir da perspectiva junguiana<sup>1</sup>, o museu pode ser compreendido como um espaço simbólico que materializa a memória coletiva, preservando objetos que representam elementos fundamentais da identidade cultural de um povo. Essa função ressoa com a ideia de inconsciente coletivo, na medida em que o acervo museológico guarda símbolos e narrativas que estruturam a experiência coletiva e fortalecem os vínculos identitários de uma comunidade.

Essa visão integrada da preservação reforça a necessidade de proteger, de forma abrangente, tanto os objetos quanto o ambiente onde são expostos. Preservar, de acordo com Desvallées e Mairesse (2013, p. 79), significa “proteger uma coisa ou um conjunto de coisas de diferentes perigos, tais como a destruição, a degradação, a dissociação ou mesmo o roubo”, mobilizando recursos para garantir a durabilidade de obras e monumentos. Em instituições históricas desassistidas pelo poder público, os agentes degradantes deixam marcas não apenas nos objetos físicos, mas também na própria cultura e identidade daquele território.

Diante disso, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa para ser resposta a questões levantadas, combinando revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas semiestruturadas. Conforme Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica abrange toda a produção publicada sobre o tema, incluindo livros, artigos, documentos e materiais audiovisuais. Como documentação direta, utilizou-se material institucional do IHC, especialmente

<sup>1</sup> Segundo a teoria junguiana, o inconsciente coletivo constitui uma dimensão fundamental da psique humana, caracterizada por arquétipos que se expressam através de símbolos e narrativas mitológicas trans-culturais. No contexto museal, artefatos cerimoniais, ícones religiosos e representações mitológicas atuam como veículos desses padrões arquetípicos, estabelecendo uma ponte entre a experiência individual e as estruturas simbólicas da psique coletiva. (JUNG, Carl G. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Petrópolis: Vozes, 2000).

"Carpina: Terra do Leão do Norte". Para Minayo (2014, p. 16), "a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, pois trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes". A coleta de dados primários contou com uma amostra de três pessoas selecionadas por conveniência: um portador do IHC (pela vivência prática), um pesquisador local (pelo conhecimento acadêmico) e um gestor municipal (pela perspectiva institucional).

A análise seguiu os princípios da pesquisa qualitativa proposta por Minayo (2014), com interpretação dos depoimentos à luz do referencial teórico. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas visando identificar convergências e contradições. Conforme afirma Minayo (2014, p. 22), "o número reduzido de informantes não invalida a pesquisa, desde que representem a diversidade do fenômeno estudado". Apesar da amostra limitada a três participantes, a riqueza dos relatos permitiu uma compreensão aprofundada do problema investigado, respeitando os critérios de saturação dos dados na abordagem qualitativa.

Desta forma propondo-se a responder às seguintes questões: O acervo do Instituto Histórico de Carpina-PE, seus "testemunhos", guardam relação com a memória da comunidade local, acionando sua identidade? Como esse diálogo acontece? Qual é o estado de conservação das "evidências materiais" presentes no museu? O IHC ainda contribui, nos dias de hoje, para a manutenção da memória coletiva e da identidade local?

A relevância desta discussão também encontra respaldo no conceito de memória coletiva, apresentado por Halbwachs (1968, p. 87), para quem o grupo "toma consciência de sua identidade através do tempo" ao olhar para o próprio passado. Assim, reconhecer um quadro familiar, uma fachada antiga, um bairro ou uma cidade, representa, também, acessar as camadas mais profundas da consciência e da identidade.

Nesse sentido, afirma-se que os museus possuem a capacidade de ativar registros simbólicos do inconsciente coletivo - conceito desenvolvido por Carl Gustav Jung para descrever estruturas psíquicas universais compartilhadas por toda a humanidade - por meio de representações arquetípicas como heráldica, numismática, sigilografia, paleografia, pintura, escultura, arte sacra e popular, entre outras expressões.

De acordo com o ICOMOS (1964), uma das mais relevantes diretrizes patrimoniais, reafirma a responsabilidade pública no tocante à preservação de monumentos e elementos arquitetônicos, destacando que “todo monumento nacional está implicitamente destinado a cumprir uma função social. Corresponde ao Estado fazer que a mesma prevaleça.”

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa é apresentar o Instituto Histórico de Carpina-PE como espaço de preservação da memória, da identidade e do patrimônio histórico-cultural do município, propondo estratégias para a preservação e reativação desse espaço essencial à comunidade. Como objetivos específicos, destacam-se:

- Discutir, à luz da teoria, os conceitos de memória, patrimônio e identidade, e sua importância para a preservação cultural;
- Investigar os impactos sociais e simbólicos da desativação do Instituto Histórico para a memória da comunidade carpinense;
- Descrever o estado de conservação de parte do acervo, relacionando-o à necessidade de políticas de preservação do patrimônio cultural local.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, com o objetivo de compreender fenômenos informacionais ligados à memória e identidade cultural. Foram utilizados como procedimentos técnicos a pesquisa bibliográfica, documental e o estudo de caso, com foco no Instituto Histórico de Carpina. A coleta de dados envolveu revisão teórica, visitas técnicas ao museu, registros fotográficos, análise de documentos institucionais e entrevistas semiestruturadas com responsáveis pela instituição. A triangulação das evidências obtidas possibilitou uma análise interpretativa e contextualizada, em consonância com os fundamentos da Ciência da Informação e das Ciências Sociais.

A justificativa social desta pesquisa se baseia na análise das políticas públicas voltadas à memória e museus, evidenciando a disparidade entre regiões com maior número de museus e investimento, e aquelas como o Nordeste, onde o Instituto Histórico de Carpina permanece pouco explorado, embora seja essencial à cultura de Pernambuco. Como afirma Lemos (2017), “a cultura de um povo é seu maior patrimônio; preservá-la é resgatar a história, perpetuar

valores, é permitir que as novas gerações não vivam sob as trevas do anonimato”.

A justificativa acadêmica repousa na contribuição ao debate sobre memória, memória coletiva e identidade no contexto do patrimônio da Zona da Mata Norte de Pernambuco onde está situado o instituto, além de incentivar novos estudos sobre o IHC. A pesquisa também se insere no cruzamento entre Museologia, Ciência da Informação e Biblioteconomia.

Por fim, a justificativa pessoal da autora apoia-se na contribuição de Halbwachs (1968), ao considerar que “a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade”. Trata-se, assim, de um compromisso enquanto cidadã carpinense interessada em preservar o rico acervo e quem sabe contribuir para a retomada das suas atividades junto aos órgãos competentes. Sentimento e tentativas que vem desde o ensino médio, quando descobriu, por meio de ex-frequentes, a existência do mesmo.

O trabalho está organizado em cinco seções, na primeira apresenta-se a contextualização temática, o problema de pesquisa, objetivos e justificativa. A segunda seção trata-se do referencial teórico que dará suporte as análises, abordando os temas: fundamentos teóricos da memória coletiva; políticas públicas de preservação no contexto brasileiro; e o papel dos museus locais na salvaguarda de patrimônios regionais. A terceira seção destaca a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa e a quarta seção traz os resultados e análises e por fim na quinta seção tecemos as considerações finais.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Esta seção apresenta as relações entre memória, patrimônio e identidade, fundamentais para compreender os processos de construção e preservação cultural. Partindo das contribuições teóricas de Halbwachs (1990) e Ricoeur (2007), onde a memória não é o mero registro do passado, mas construção social dinâmica, permanentemente tensionada entre lembrança e esquecimento.

São três eixos principais. No primeiro, abordou-se a natureza da memória coletiva e seus mecanismos de formação, destacando como esta se materializa em bens culturais que constituem o patrimônio de uma sociedade. Em segundo lugar, examinou-se criticamente as políticas públicas de preservação no Brasil, com ênfase nos desafios enfrentados pelas instituições museológicas, particularmente nas regiões Norte e Nordeste. Por fim, discute-se o papel dos museus locais como espaços de resistência cultural e construção identitária (Chagas, 2003), com destaque para estudos de caso na Zona da Mata de Pernambuco (Lino, 2023).

A abordagem interdisciplinar adotada, articula conceitos da Museologia, Ciência da Informação e Ciências Sociais, demonstrando como os museus funcionam como unidades de informação (Araújo, 2014) e espaços privilegiados de mediação cultural. Esta perspectiva permite compreender os processos de patrimonialização como práticas sociais complexas, que envolvem disputas de poder e hierarquias culturais (Smith, 2006), mas também estratégias de empoderamento e afirmação identitária.

### **2.1 Memória, patrimônio e identidade**

A memória é uma faculdade presente desde o nascimento e está em constante reconstrução. Ela não apenas possibilita a atualização contínua do passado, mas também constitui um dos pilares fundamentais para a formação da identidade. Como propõe Maurice Halbwachs (1990), embora a memória seja frequentemente concebida como algo individual, ela está, de fato, inserida em um contexto social mais amplo, sendo, portanto, coletiva. Essa relação entre memória e identidade é marcada por uma tensão constante entre lembrança e

esquecimento, ideia que também é amplamente desenvolvida por Paul Ricoeur (2007).

O processo de construção da identidade começa com os primeiros contatos do indivíduo com o mundo. Desde o nascimento, cada experiência vivida contribui para a formação de uma identidade que, embora pessoal, se entrelaça com as referências sociais e culturais às quais o sujeito está exposto. Dessa forma, a identidade individual se articula com a identidade coletiva, num movimento contínuo de reconhecimento, diferenciação e pertencimento.

Ao refletir sobre essa dinâmica, Lino (2023) observa que “quando uma criança nasce ela não representa mais uma criança que vive; é mais uma identidade que começa a ser construída por cada contato com a realidade que a envolve”. Essa perspectiva ressalta que o desenvolvimento identitário é um processo relacional e contínuo, em que cada vivência deixa marcas que se integram à memória e ao pertencimento cultural.

Quando se considera o contexto de um grupo social — como o de uma cidade, por exemplo — percebe-se que a memória coletiva se materializa em bens culturais, sejam eles materiais ou imateriais. O patrimônio, entendido como o conjunto de bens culturais reconhecidos por uma coletividade como parte de sua herança (Constituição de 1988, Art. 216) assume aqui papel fulcral na representação e preservação dessas referências. Esses elementos tornam-se referenciais identitários que representam modos de vida, valores, crenças e práticas compartilhadas. No entanto, caso não sejam reconhecidos, valorizados e preservados, tais elementos correm o risco de desaparecer com o tempo, comprometendo a transmissão de saberes e a continuidade da identidade cultural do grupo.

A partir desse entendimento, torna-se evidente a importância da preservação do patrimônio como estratégia de resistência ao esquecimento. O patrimônio, enquanto dimensão da memória — como afirma Candau (2012, p. 16), “o patrimônio é uma dimensão da memória” —, é também um vetor da identidade. Ele permite que os indivíduos e comunidades se conectem com o passado, reafirmem suas origens e fortaleçam os vínculos culturais e sociais.

Paul Ricoeur (2007) complementa essa reflexão ao afirmar que, para manter o jogo social, é necessário o equilíbrio entre lembrança e esquecimento

— possibilidade que confere ao indivíduo a capacidade de reorganizar seu passado e perpetuar o que foi aprendido e compartilhado entre as gerações.

Esta seção explorou de forma introdutória a relação entre memória, identidade e patrimônio cultural, articulando autores fundamentais para a compreensão desses constructos. As seções subsequentes desdobram-se em três eixos: (1) a memória enquanto fenômeno coletivo e dinâmico; (2) os processos de formação identitária, em suas escalas individual e grupal; e (3) o patrimônio como expressão material e simbólica dessas construções sociais.

### 2.1.1 A construção da memória coletiva

A memória individual, ligada às experiências pessoais e às lembranças íntimas, diferencia-se da memória coletiva por não depender da presença de outros para ser evocada. Enquanto a memória coletiva é compartilhada e reforçada pelas interações sociais, a individual pode ser acessada de forma isolada. Ainda assim, ambas permanecem vivas no ser humano por meio da conservação de objetos que eternizam o que o indivíduo ou o grupo construiu consoante Halbwachs (1990). Essa relação não se limita apenas aos objetos, mas também se estende aos lugares que carregam significados simbólicos.

O autor também afirma que, se os habitantes de uma cidade ou de um quarteirão formam uma pequena sociedade, é porque compartilham um mesmo espaço geográfico — e esse espaço não é apenas uma condição qualquer, mas uma condição essencial para a existência do grupo. Os lugares, portanto, funcionam como âncoras da memória coletiva, guardando traços da vida social, cultural e simbólica da comunidade.

Sob essa perspectiva, um museu histórico inserido nesse contexto territorial torna-se um potente evocador de memórias coletivas e individuais. Desde sua fachada até suas exposições internas, ele oferece ao visitante elementos que possibilitam a reconstrução de narrativas e o fortalecimento de laços identitários. O museu, assim, contribui para que o indivíduo desenvolva “consciência da sua identidade através do tempo” (Halbwachs, 1990, p. 87).

A preservação dessas instituições, bem como de outras unidades de informação — como arquivos, bibliotecas e centros de documentação — são essenciais para consolidar a identidade cultural dos sujeitos, pois são esses

documentos, imagens e objetos que influenciam diretamente sua história e o modo como ela é transmitida às futuras gerações.

### 2.1.2 Políticas públicas para a preservação da memória museológica

Conforme discutido na seção anterior, a memória se ancora em objetos, lugares e práticas sociais que, organizados e ressignificados em instituições museológicas, contribuem para a continuidade histórica dos grupos sociais. Nesse sentido, os museus não são apenas guardiões do passado, mas agentes ativos na formação identitária e na educação cultural das comunidades.

No entanto, a preservação da memória museológica está intimamente ligada às políticas públicas que sustentam essas instituições enquanto bens culturais. Isso porque a memória que se torna patrimônio musealizado passa a ser regulada por decisões políticas que determinam o que deve ser lembrado, exibido e transmitido às futuras gerações. Assim, como aponta Smith (2006), o patrimônio é resultado de um "discurso autorizado", no qual prevalece a visão política, social, religiosa e étnica dos grupos dominantes. Essa seleção, ainda que involuntária, define quais memórias serão institucionalizadas e quais permanecerão à margem.

No Brasil, a política de proteção ao patrimônio museológico é regida por legislações e programas coordenados por órgãos federais, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Criado em 1937, o IPHAN é responsável pela normatização, fiscalização e preservação dos bens culturais tombados no país, com base no Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Este marco legal reconhece o valor dos museus enquanto documentos vivos da cultura brasileira e reforça o compromisso da União com sua preservação.

Além disso, o Ministério da Cultura tem buscado ampliar o acesso e a valorização da memória museológica por meio de políticas públicas específicas voltadas ao fortalecimento dos museus como instituições sociais. Um exemplo significativo é a criação da Política Nacional de Museus (PNM), lançada em 2003, que oferece suporte técnico, normativo e estratégico às instituições museológicas em todo o país. Destaca-se também a política "Museu em Cada Município", lançada em 2009, que visava incentivar a criação de museus em

todas as cidades brasileiras, promovendo a descentralização e a democratização do acesso à cultura.

Outro marco importante é o Estatuto de Museus (Lei nº 11.904/2009), que estabelece diretrizes para a gestão, preservação, documentação e acessibilidade dos museus, reforçando a importância do planejamento técnico, da responsabilidade social e da atuação dos museus como espaços de educação patrimonial.

Apesar desses avanços, o cenário museológico brasileiro ainda enfrenta grandes desafios. Segundo o último censo divulgado pelo IPHAN em 2006, existem aproximadamente 1.241 museus registrados, mas a escassez de informações sobre muitos deles — especialmente em âmbito municipal — revela fragilidades na gestão, preservação, catalogação e manutenção desses espaços.

A autora, ao contextualizar dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), demonstra que a distribuição de instituições museológicas no país reflete desigualdades econômicas e educacionais. As regiões Sudeste e Sul, que concentram respectivamente 59,4% e 15,9% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, são também aquelas com maior número de museus e melhores indicadores de alfabetização e urbanização (IBGE, 1997). Isso evidencia que o acesso à memória museológica não é apenas uma questão cultural, mas também social e política.

Diante desse panorama, torna-se necessário refletir sobre as possibilidades de preservação e fortalecimento da memória museológica no Nordeste. A análise dessas dinâmicas permite compreender não apenas os desafios enfrentados pelas instituições locais, mas também seus impactos na construção identitária das populações e no acesso ao patrimônio cultural. Tal discussão encontra interseção com a Ciência da Informação, à medida que ambas as áreas — a Museologia e Ciência da Informação — lidam com a organização, preservação e difusão de documentos, sejam eles textuais, visuais ou materiais.

O museu, como unidade de informação, assume a responsabilidade não apenas de conservar objetos, mas de mediar sentidos, narrativas e saberes que contribuem para a formação de cidadãos conscientes de sua história e pertencimento. Segundo Araújo (2014), ambas as áreas compartilham o

compromisso com “a organização, preservação, comunicação e uso social da informação”, fortalecendo o papel do museu como espaço de mediação entre memória, identidade e cidadania.

## **2.2 Aspectos históricos e conceituais**

Os museus, enquanto instituições de preservação e difusão cultural, possuem raízes históricas profundas, vinculadas aos gabinetes de curiosidades do século XVI, espaços elitizados que reuniam objetos exóticos e eruditos. A transformação desses acervos privados em instituições públicas ocorreu no século XVIII, marcada pela abertura do Museu do Louvre em 1793, simbolizando a democratização do acesso ao patrimônio (Desvallées; Mairesse, 2013).

A consolidação da museologia como campo científico ampliou suas funções sociais, transcendendo a mera conservação para assumir um papel ativo na construção de memórias e identidades. A Nova Museologia, emergente na segunda metade do século XX, reforçou essa perspectiva, enfatizando o engajamento comunitário e a valorização de narrativas locais (Chagas, 2003). Nesse contexto, os museus passaram a ser entendidos como unidades de informação, conforme destacado por Ferreira (2008), aproximando-se da Ciência da Informação no que diz respeito à organização, preservação e mediação de acervos materiais e simbólicos.

A memória, conforme Halbwachs (1990), é um constructo social, e os museus atuam como agentes de sua materialização, selecionando e legitimando discursos que conformam identidades coletivas. Essa função ganha relevância especial em contextos regionais, como o Nordeste brasileiro, onde museus locais exercem papel fundamental na resistência cultural e no empoderamento comunitário (Pereira, 1983). Assim, a intersecção entre Museologia e Ciência da Informação revela-se essencial para compreender como essas instituições articulam passado e presente, garantindo o acesso à informação e a perpetuação das tradições.

### **2.2.1 A Evolução dos museus e suas funções sociais**

Os museus têm origem nos antigos gabinetes de curiosidades, espaços privados onde se reuniam objetos raros e exóticos, refletindo a visão de mundo de elites intelectuais e aristocráticas. Com o tempo, especialmente a partir do século XVIII, essas coleções passaram a ser institucionalizadas, transformando-se em museus públicos com objetivos científicos, educativos e patrimoniais. Um marco importante foi a abertura do Museu do Louvre ao público, após a Revolução Francesa, representando o início do museu moderno (FUNMUSEU, 2022, p. 12).

Com o avanço da museologia e a influência da Nova Museologia, surgida na segunda metade do século XX, os museus passaram a ser concebidos como instituições dinâmicas e socialmente engajadas. Não são mais apenas espaços de preservação e exposição, mas centros de memória e mediação cultural, integrando-se a políticas públicas e promovendo a inclusão social e o fortalecimento das identidades locais (Desvallés; Mairesse, 2013).

Nesse processo, compreende-se que o museu é também um local onde a memória coletiva é estruturada e materializada. Para Maurice Halbwachs (1990), a memória não se constrói de forma individual, mas se ancora em estruturas sociais que moldam as lembranças. Assim, o museu cumpre a função de selecionar e organizar objetos e narrativas que representam essa memória coletiva, contribuindo para a construção de uma identidade comum e a perpetuação de tradições culturais. Além disso, diferencia-se da história ao privilegiar a recordação viva, marcada pela afetividade e pela identificação dos grupos sociais com os objetos e contextos apresentados.

No campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, os museus também são compreendidos como unidades de informação. Assim como bibliotecas e arquivos, desempenham funções fundamentais de preservação, organização e difusão de informações culturais e históricas. Segundo Ferreira (2008), a Museologia e a Ciência da Informação compartilham a preocupação com a gestão da informação em seus múltiplos suportes, visando não apenas à conservação, mas também ao acesso e à apropriação do conhecimento pelas comunidades.

Iniciando no século XIX, os institutos históricos especificamente, se consolidaram como espaços fundamentais para a historiografia brasileira, atuando tanto na "publicação de livros" quanto nas "revistas institucionais",

contribuindo para "inventar a nação" e fomentar "a construção das identidades estaduais" (v. 26, n. 49, 2024, p. 9)

### 2.2.2 Museus locais e o fortalecimento das culturas regionais

Os museus locais ocupam lugar de destaque na valorização das memórias e das práticas culturais específicas de uma comunidade. Ao contrário dos grandes museus de escopo nacional, os museus comunitários e regionais têm a capacidade de acolher narrativas plurais, reconhecendo a diversidade cultural existente nos territórios e promovendo o pertencimento social.

No campo da Biblioteconomia, esses museus são compreendidos como espaços informacionais que organizam, conservam e comunicam a memória coletiva de um grupo, colaborando para o fortalecimento da identidade cultural. A informação museológica, nesse sentido, não está apenas nos objetos, mas nos discursos, nas mediações e nos contextos que os envolvem.

Em regiões como o Nordeste brasileiro, marcadas por riqueza cultural e simultânea vulnerabilidade social, os museus locais tornam-se ferramentas de resistência e empoderamento. Conforme Chagas (2003), ao preservar a memória e promover a voz das comunidades, esses museus fortalecem o tecido social e ampliam o acesso à informação cultural e patrimonial, contribuindo diretamente para a inclusão social e a cidadania.

Nessa perspectiva, Nilo Pereira (1983) ressalta que a memória regional deve ser vista como uma forma legítima de cultura, cuja preservação é fundamental para garantir o reconhecimento da diversidade e a valorização das identidades locais. Para o autor, a história nordestina não pode ser compreendida sem seus símbolos, instituições e acervos, que testemunham a trajetória de seus povos e territórios.

Ampliando essa discussão, na Zona da Mata Norte de Pernambuco, os museus desempenham um papel fundamental na preservação e valorização da memória regional, reunindo acervos que expressam a diversidade histórica, cultural e social do território. Instituições como o Instituto Histórico de Carpina, o Museu de Nazaré da Mata e o Museu do Mamulengo de Glória do Goitá funcionam como espaços de resistência cultural, mantendo vivas tradições como o maracatu rural, a religiosidade popular e a produção artesanal. Esses museus

acolhem objetos, documentos e relatos que conectam os sujeitos à sua ancestralidade, reforçando laços identitários e promovendo o acesso à informação e à cultura.

Pesquisas recentes destacam como instituições museológicas situadas em cidades do interior, como Carpina, contribuem para a construção da identidade local por meio da preservação dos acervos, da mediação cultural e da valorização da memória coletiva. A atuação do Instituto Histórico de Carpina, por exemplo, evidencia a importância dos museus como espaços de articulação entre memória, território e informação. Nesse contexto, os objetos não são apenas testemunhos do passado, mas também elementos que fortalecem a identidade comunitária, permitindo que a população reconheça sua própria história e mantenha viva sua herança cultural (Lino, 2023).

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e caracteriza-se como descritiva e exploratória. De acordo com Gil (2019, p. 27), a pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema investigado, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Já a pesquisa descritiva, segundo Lakatos e Marconi (2017), preocupa-se em observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los.

Quanto à abordagem metodológica, optou-se por uma investigação qualitativa, pois, como destaca Minayo (2007, p. 21), essa modalidade se fundamenta na compreensão do universo dos significados, crenças, valores e atitudes que compõem a experiência humana. Em consonância com essa perspectiva, considera-se que os fenômenos informacionais relacionados à memória, identidade e patrimônio cultural não podem ser plenamente apreendidos por métodos estatísticos, exigindo, portanto, uma análise interpretativa e contextualizada.

A amostra foi intencional e pequena, conforme destaca Minayo (2007), característica comum em pesquisas qualitativas, nas quais se busca profundidade e não representatividade estatística. A triangulação das evidências obtidas possibilitou uma análise interpretativa e contextualizada, em consonância com os fundamentos da Ciência da Informação e das Ciências Sociais.

Na perspectiva da Ciência da Informação, a pesquisa qualitativa se mostra adequada para compreender como os sujeitos e as instituições interagem com os documentos e informações culturais no contexto dos museus locais, promovendo sentido e pertencimento. Segundo Almeida, Perucchi e Freire (2020) a pesquisa qualitativa em Ciência da Informação visa interpretar os significados atribuídos à informação nos diferentes contextos sociais, o que está em consonância com o presente estudo.

#### **3.1 Procedimentos técnicos**

No que se refere aos procedimentos técnicos utilizados, adotou-se a pesquisa bibliográfica que tem como base materiais já publicados como livros e artigos. Em contraponto também foi utilizada a pesquisa documental com base em fontes primárias e secundárias relacionadas ao Instituto Histórico de Carpina, como documentos institucionais, registros históricos e materiais gráficos. A análise documental, nesse contexto, se apresenta como uma técnica essencial para examinar sistematicamente os registros e compreender os processos de constituição, organização e preservação da informação. Como destacam Marconi e Lakatos (2017), a análise documental permite recuperar dados importantes sobre o objeto estudado a partir de materiais produzidos ao longo do tempo.

Buscando compreender as particularidades e contexto do Instituto, foi utilizado o estudo de caso, modalidade amplamente utilizada nas Ciências Sociais que permite uma análise profunda e detalhada de uma ou mais unidades de estudo. Conforme destaca Gil (2019, p. 34), o estudo de caso consiste no “estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. [...] é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências sociais. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos casos de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento[...] (Gil, 2019, p.34).

### **3.2 Coleta dos dados**

Os procedimentos metodológicos adotados contemplaram, inicialmente, uma revisão bibliográfica fundamentada em obras da Biblioteconomia, da Ciência da Informação, da Museologia e das Ciências Sociais, com o objetivo de estabelecer o embasamento teórico da pesquisa. O levantamento permitiu identificar conceitos, categorias analíticas e referenciais que orientaram as discussões e análises.

Para o estudo de caso foram realizadas visitas técnicas ao Museu do Instituto Histórico de Carpina com o intuito de observar *in loco* sua infraestrutura física, organização do acervo e condições de preservação. Durante essas visitas, foram coletadas evidências empíricas por meio de registros fotográficos e

anotações de campo além de realização de análise documental nos registros dispostos no arquivo do espaço.

Complementarmente, conduziu-se entrevistas semiestruturadas, a fim de coletar informações sobre o funcionamento da instituição, a situação legal do museu, os desafios enfrentados e as perspectivas para sua reativação. Como salienta Minayo (2007, p. 49), a entrevista, enquanto técnica qualitativa, busca compreender as práticas e percepções dos sujeitos por meio de suas narrativas: “sabemos que não é possível apreender fidedignamente as práticas dos sujeitos, mas as narrativas de suas práticas, segundo a visão deste narrador”.

**Quadro 1 – Objetivos e Procedimentos Metodológicos**

<b>Objetivos</b>	<b>Procedimentos Metodológicos</b>
Levantar informações sobre a criação e histórico do Instituto Histórico de Carpina	Levantamento e análise documental
Descrever a situação atual do museu quanto à infraestrutura, acervo e condições de acesso	Visitas técnicas e registros fotográficos
Compreender o papel do museu na preservação da memória e identidade cultural local	Entrevista semiestruturada com responsável pela instituição

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A triangulação entre os dados obtidos nos documentos, nas observações de campo e nas entrevistas foram utilizadas para garantir maior rigor à análise e conferir consistência às interpretações. Essa estratégia metodológica permitiu a validação cruzada das informações, favorecendo uma compreensão mais ampla e fundamentada do objeto de estudo.

## **4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA**

Esta seção apresenta os principais resultados da pesquisa de campo realizada no Instituto Histórico de Carpina (IHC) no município de Carpina-PE, na sua relação com a memória, identidade local e preservação do patrimônio cultural. A partir da análise documental, das observações *in loco* e das entrevistas realizadas com membros da comunidade que contribuíram na salvaguarda e/ou pesquisaram sobre o acervo do museu, busca-se compreender como o espaço é percebido e qual o seu papel na construção simbólica da história carpinense.

Na subseção “Um olhar sobre Carpina-PE” trazemos um resgate histórico e sociocultural da cidade, oferecendo subsídios para compreender o contexto em que o Instituto Histórico foi criado e operou, assim como sua relevância para a população local.

### **4.1 Um olhar sobre Carpina-PE**

Carpina, diferentemente de outras cidades brasileiras formadas em torno de igrejas, acidentes geográficos ou movimentos migratórios, teve origem a partir da exploração e extração de madeira. A notícia de que no altiplano havia uma rica fauna e flora, com variadas espécies de árvores — como angicos, gameleiras, imbuías, paus-ferro e pau-brasil —, bem como a presença de animais como tucanos, araras, tamanduás, onças-pintadas e micos-leões-dourados, atraiu os primeiros desbravadores à região.

Essas terras, segundo a nobiliarquia pernambucana, pertenciam a Luiz Álvares Moreira e Lourença Maria Caldas. Naquele período, era evidente a presença da escravidão nos engenhos, onde o senhor de engenho detinha grande influência política e econômica. A pecuária e a agricultura de subsistência complementavam a produção de cana-de-açúcar, uma vez que o gado servia como força de tração e posteriormente como alimento, além de ter seu couro exportado. A criação de gado contribuiu ainda para a interiorização da colonização, especialmente após a Carta Régia de 1701, que proibiu a presença de rebanhos a menos de sete quilômetros do litoral.

A Guerra dos Mascates foi decisiva para o povoamento da região. Após os conflitos entre comerciantes do Recife e senhores de engenho de Olinda, em 1711, vilas e engenhos olindenses foram incendiados, fazendo com que os patriotas se refugiassem nas florestas do arraial de Tracunhaém (antigo território de Nazaré da Mata), o que hoje compreende Carpina. Esses resistentes, conhecidos como Liga de Tracunhaém, eram liderados por Leão Falcão Eça, que ali descansava com suas tropas.

Posteriormente, com o avanço do plantio de cana-de-açúcar e o desmatamento, a madeira extraída passou a ser exportada a partir do Recife para a Europa. Uma das famílias que se estabeleceu na região foi a Andrade Lima, vinda do Recife para explorar o pau-brasil. Martinho Francisco de Andrade Lima, tanoeiro, também chamado de “carpina”, vivia na chã após emigrar de Portugal com um grupo de tanoeiros, carpinteiros e marceneiros no século XIX. Esse grupo fabricava caixotes para embalar o açúcar destinado à exportação para Portugal.

Outros tanoeiros também passavam e pernoitavam por ali, o que favorecia o descanso dos animais e o consumo de uma bebida conhecida como *cachimbo*, feita com cachaça de mel, utilizada para suportar o frio. No final do século XIX, um tanoeiro chamado Luiz José de Melo residiu na região e também exerceu o ofício de Carpina.

Devido à presença constante desses trabalhadores, o lugar passou a ser chamado de Chã do Carpina. A palavra “carpina” teria origem nos povos cários, significando “arte de lavrar madeira de pino (pinho)”. Em tupi, a palavra tornou-se *karapina*. Posteriormente, o médico Dr. Francisco José Chateaubriand, que se instalara na vila para tratar a doença respiratória da esposa, promoveu o nome “Floresta dos Leões” em seu jornal *Reação*, após plantar diversas árvores exóticas e ornamentar a vila com esculturas de leões em madeira, bronze e cimento — uma delas, vinda da França, foi doada pelo então presidente da República, Afonso Pena.

A atividade econômica inicialmente predominante na localidade era o trabalho dos chamados “carpinas”, que lidavam com a preparação, exportação e construção com madeira. Apesar dos engenhos produzirem cana-de-açúcar, em 1856 essa produção ganhou maior destaque, impulsionando o crescimento territorial da cidade. O município passou a integrar a chamada “civilização do

açúcar”, que caracterizava grande parte do estado de Pernambuco. Os bangüês (engenhos movidos por tração animal) ainda resistiam, coexistindo com mais de 30 engenhos a vapor e com a usina eletrotérmica Petribu, voltada à produção de açúcar e etanol, que passou a empregar muitos carpinenses.

Até a década de 1950, metade da produção de cana era realizada pela usina, e a outra metade pelos trabalhadores rurais, que plantavam cana, mandioca e outros produtos em regime de cambão — sistema em que o trabalhador dedicava três dias da semana ao engenho e três dias à sua própria lavoura. Havia ainda outras modalidades de trabalhadores, como o tiququeiro e o leiteiro.

Localizada a aproximadamente 60 km da capital pernambucana, Recife, Carpina integra a Zona da Mata Norte e possui cerca de 82.682 habitantes em uma área de 146,12 km<sup>2</sup>. Inicialmente habitada por povos indígenas tapuias e posteriormente pelos tupis, a cidade possui parte significativa de sua economia baseada na atividade canavieira e, outrora, foi reconhecida pelo turismo cultural associado às festividades juninas e à tradicional Festa de Reis, que contava com apresentações de pastoril e *bumba meu boi*.

Durante as décadas de 1960 a 1990, o Instituto Histórico de Carpina esteve ativo, contando com um acervo construído por meio de doações de famílias da classe média alta local. Foram doados objetos de engenhos, joias, vestimentas, peças eclesiásticas — como estandartes de procissão — e objetos ligados à religiosidade, cultura e organizações fraternais, como a Loja Maçônica de Carpina, cuja história é contada por meio de quadros e documentos presentes no acervo.

A sede do Instituto Histórico de Carpina (IHC), situada na Praça Lourival da Silva Bastos, foi fundada em 11 de setembro de 1962 por um grupo de cidadãos idealistas, liderados pelo Dr. José Eduardo da Silva Brito, odontólogo e professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O prédio foi doado por José Fernando Lobo, e sua restauração contou com o apoio de Otávio Gonçalves Guerra, Severiano José Freire, José Pereira Cardoso e outros fundadores (Marinho, 2018).

Atualmente, o prédio encontra-se inativo e necessita de intervenções urgentes para a recuperação do acervo. Por esse motivo, torna-se essencial

compreender seu valor histórico e simbólico para a cidade e a urgência da preservação desse patrimônio.

#### **4.2 Memória Silenciada: os impactos da inatividade do instituto histórico de Carpina**

Nesta subseção, buscou-se analisar os impactos sociais, culturais e patrimoniais decorrentes da desativação do Instituto Histórico de Carpina (IHC), a partir dos dados obtidos nas entrevistas e observações de campo. A inatividade do museu – em 2018 apesar da reforma no teto antes de madeira, agora substituído por pvc - gerou consequências significativas para a preservação da memória coletiva da cidade e para o fortalecimento da identidade cultural local.

A entrevista realizada com o agente responsável revelou que a falta de investimentos, o abandono institucional e a ausência de políticas públicas voltadas à cultura foram fatores determinantes para o fechamento gradual do museu. Além disso, a descontinuidade das atividades educativas e expositivas comprometeu o vínculo da população com os objetos, documentos e narrativas históricas ali preservadas.

Os moradores, especialmente os mais velhos, relatam com pesar a perda do espaço que antes abrigava não apenas peças de valor material, mas também memórias afetivas ligadas à história dos engenhos, das festas religiosas e das tradições locais. A desativação do IHC interrompeu o processo de mediação cultural entre gerações, deixando lacunas na formação da identidade coletiva.

O estado de conservação do acervo é motivo de preocupação. Durante as visitas técnicas, foi possível observar que muitos objetos encontram-se mal-acionados, expostos à umidade, poeira e deterioração. A ausência de ações de preservação coloca em risco a integridade de itens únicos, que representam testemunhos da trajetória histórica de Carpina.

Ainda assim, há sinais de resistência e desejo de reativação por parte da comunidade. A ideia de que o museu deve voltar a funcionar está presente nos discursos dos entrevistados: o historiador e a mantenedora do espaço, que o veem como símbolo de pertencimento e orgulho local. O resgate da memória e a valorização do patrimônio cultural dependem, portanto, de um esforço coletivo que envolva poder público, instituições de ensino, agentes culturais e moradores da cidade.

Os entrevistados reforçaram a importância dos museus na manutenção das tradições locais. Como afirmou historiador do Instituto Histórico de Carpina: *"Aqui, a gente não guarda só objeto, guarda história. Cada peça conta uma parte da vida das pessoas que vieram antes da gente, e isso faz com que a comunidade se veja"* (Entrevistado 1).

### **4.3 Museus da Zona da Mata Norte: desafios e possibilidades**

A partir da análise do Instituto Histórico de Carpina, tornou-se relevante ampliar o olhar para os museus localizados na região da Zona da Mata Norte de Pernambuco, espaço marcado por uma rica herança histórica e cultural. Essas instituições enfrentam contextos semelhantes, com desafios estruturais, institucionais e simbólicos que comprometem sua atuação como espaços de memória, identidade e educação.

A Zona da Mata Norte, tradicionalmente vinculada à cultura canavieira, abriga acervos que testemunham a formação social, econômica e religiosa da região. Museus como o Museu do Mamulengo (em Glória do Goitá), o Museu da Cachaça (em Vicência), e o Museu de Igarassu – considerado um dos mais antigos do Brasil – exemplificam a diversidade patrimonial existente, ao mesmo tempo em que revelam a carência de investimentos contínuos em políticas públicas voltadas à preservação e à valorização desses espaços.

Entre os principais desafios identificados estão: a insuficiência de recursos financeiros e humanos; a ausência de planos de gestão museológica; a precariedade na conservação dos acervos; e a falta de integração com a comunidade local e com as redes de ensino. Tais fatores dificultam a consolidação dos museus enquanto agentes de transformação social e limitam seu papel na valorização da história regional. Nesse sentido, Chagas (2009) observa que muitos museus brasileiros ainda operam em condições precárias, com escasso reconhecimento institucional e dificuldades de articulação em rede.

Contudo, também é possível identificar iniciativas que apontam para caminhos promissores. Em alguns casos, a atuação de coletivos culturais, associações civis e universidades tem contribuído para a revitalização de acervos, realização de eventos culturais, digitalização de documentos e atividades educativas. Essas ações demonstram que, apesar das dificuldades,

os museus da Zona da Mata Norte mantêm seu potencial de ressignificar o passado e promover cidadania cultural. Para Santos (2012), os museus regionais são fundamentais na articulação entre memória social e identidade local, sendo capazes de fomentar processos participativos e educativos.

No contexto da Ciência da Informação, essas instituições desempenham papel estratégico na organização, mediação e preservação da informação cultural. Elas funcionam como dispositivos de memória social, capazes de construir sentidos, promover o pertencimento e estimular a participação comunitária. De acordo com Tálamo e Marandino (2005), os museus são espaços de produção de conhecimento e devem ser entendidos como ambientes comunicacionais que estabelecem relações entre o acervo, os discursos e os visitantes.

Assim, os museus da Zona da Mata Norte, mesmo diante das adversidades, permanecem como espaços de resistência simbólica e possibilidades futuras. A reativação do Instituto Histórico de Carpina, nesse cenário, pode se integrar a uma rede mais ampla de valorização patrimonial regional, fomentando trocas de saberes e ações colaborativas voltadas à memória e à identidade das populações locais.

Os relatos também evidenciaram o papel educativo dos museus. Uma professora visitante do Museu de Nazaré da Mata destacou: "*Trazer meus alunos aqui é mostrar que a história deles importa. Eles veem o maracatu, os mamulengos, e entendem que fazem parte disso*". Essa fala reforça a ideia de Araújo (2014) sobre os museus como espaços de mediação, onde objetos se transformam em ferramentas de construção cidadã.

#### **4.5 A Relação da comunidade com o museus e seus acervos**

O Instituto Histórico de Carpina (IHC) desempenha um papel fundamental na preservação da memória e identidade cultural da cidade. Fundado há mais de sessenta anos, o IHC abriga um acervo diversificado que inclui documentos, fotografias, objetos históricos e obras de arte que narram a trajetória de Carpina e sua população. Apesar de sua importância, o museu ainda é pouco conhecido entre os próprios moradores, conforme apontado por Birro e Sousa Júnior (2024).

**Figura 1-** Fachada do Instituto Histórico de Carpina



Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Para aprofundar a compreensão sobre a relação da comunidade com o museu e seus acervos, foi realizada uma entrevista com o historiador e administrador da página "Carpina – Capital da Mata Norte" no Facebook. A página, criada em 2015, surgiu do interesse pessoal do historiador pela história local e da percepção de lacunas nas fontes disponíveis: *"Sempre tive curiosidade em saber mais sobre a história de Carpina, suas tradições, monumentos e personagens. Inicialmente, busquei essas informações em livros e sites, que me serviram de base. Contudo, algumas lacunas presentes nessas fontes aguçaram ainda mais minha curiosidade e despertaram o desejo de ir em busca de mais informações"*(Entrevistado 1).

A criação da página pública teve como objetivo ampliar o acesso às informações históricas e culturais do município como destaca o historiador *"Em 2015, criei a página pública 'Carpina – Capital da Mata Norte' no Facebook, com o intuito de divulgar não apenas dados históricos, mas também informações sobre a cultura, personalidades e belezas arquitetônicas e naturais do município, permitindo que um número maior de pessoas tivesse acesso ao conteúdo"* (Entrevistado 1).

Questionado sobre o papel que o museu e a página "Carpina – Capital da Mata Norte" desempenham na preservação da cultura, memória e identidades locais, o entrevistado ressalta que *"O historiador francês Pierre Nora introduziu o conceito de 'lugares de memória', referindo-se a tudo aquilo que não caiu no*

*esquecimento devido aos nossos laços afetivos, como monumentos, eventos, festas, símbolos, figuras populares e instituições. A valorização desses objetos só existe quando há conhecimento sobre eles. Nesse sentido, tanto os museus quanto a página colaboram significativamente, pois são ambientes de divulgação de dados históricos e culturais de uma localidade, gerando um sentimento de identidade, pertencimento e valorização de memórias" (Entrevistado 1).*

Sobre a página no Facebook atuar como um espaço de memória digital, facilitando o acesso da comunidade às informações históricas, o historiador sublinha: *"A página no Facebook funciona como um espaço de memória digital, permitindo que as pessoas tenham acesso a informações históricas, culturais e patrimoniais de Carpina. Ao compartilhar fotos antigas, relatos, curiosidades e eventos marcantes, proporciono aos usuários a oportunidade de se reconectar com suas raízes, reviver memórias e fortalecer o sentimento de pertencimento à cidade" (Entrevistado 1).*

Sobre os desafios que enfrenta no processo de pesquisa e seleção do material compartilhado o historiador destaca que envolve tanto pesquisa de campo quanto bibliográfica, enfrentando desafios como deslocamento e conservação inadequada de documentos, assim diz: *"Busco informações históricas e culturais do município em fontes primárias presentes em acervos de museus, bibliotecas e arquivos. Ao encontrar material de interesse, faço fotos ou anotações, destacando o nome da fonte, o ano de publicação e uma breve descrição do assunto. Um dos principais desafios enfrentados é o deslocamento, pois muitas vezes é necessário ir a acervos disponíveis em outras cidades, e nem sempre tenho tempo ou recursos para realizar essas visitas. Além disso, a conservação inadequada de alguns documentos e a dificuldade de acesso a determinadas fontes também representam obstáculos no processo de pesquisa" (Entrevistado 1).*

A seguir, serão apresentadas algumas imagens referentes ao acervo do Museu de Carpina, que ilustram momentos importantes da história local e nacional. Essas imagens, que incluem fotografias históricas e matérias jornalísticas antigas, fazem parte do rico acervo do museu e ajudam a preservar a memória de eventos e personagens que marcaram a cidade de Carpina e o Brasil ao longo dos anos. Por meio dessas imagens, é possível compreender

melhor a evolução cultural, social e política da região, além de entender a importância de preservar esses registros para as futuras gerações.

A fotografia abaixo apresenta um momento histórico da inauguração do calçamento da Avenida Stácio Coimbra, uma obra importante para a cidade de Carpina. O Museu de Carpina, por sua vez, serve como um repositório dessas memórias históricas, preservando fotografias, documentos e objetos que ajudam a contar a história do desenvolvimento urbano e social da região. A inclusão de eventos como a inauguração do calçamento no acervo do museu contribui para a valorização da identidade local e para a compreensão da evolução da infraestrutura e do modo de vida na cidade. Dessa forma, tanto o museu quanto a foto representam marcos importantes que celebram o crescimento e a transformação de Carpina ao longo das décadas.

**Figura 2** - Inauguração do Calçamento da Avenida Stácio Coimbra



Fonte: Acervo documental do IHC (2025)

A próxima imagem mostra várias matérias de jornal dos anos 1970/1980, abordando temas históricos do Brasil, com destaque para "A História do Brasil na Pintura". Esse tipo de material é significativo para o Museu de Carpina, pois ajuda a preservar a memória visual e escrita do país, particularmente sobre a história de sua formação, cultura e eventos marcantes. As matérias, também fazem parte de um acervo permanente do museu, oferecem uma janela para o

passado, possibilitando que as novas gerações compreendam melhor o contexto histórico e cultural do Brasil.

**Figura 3-** Matérias de jornal de 1970/80



Fonte: Acervo documental o IHC (2025)

A próxima imagem mostra uma cúpula que abriga uma imagem de Nossa Senhora das Graças, um objeto de devoção importante e um exemplo de arte religiosa. Este tipo de peça, preservada no Museu de Carpina, reflete a religiosidade e as tradições culturais locais. A cúpula, feita de madeira, protege a imagem e adiciona valor histórico, sendo um excelente exemplo de como o museu mantém e exhibe objetos que representam a fé e os costumes da comunidade. A preservação desses itens é essencial para compreender as práticas espirituais e as influências religiosas na formação da identidade cultural de Carpina e das regiões circunvizinhas ao longo do tempo.

**Figura 4-** Cúpula abrigando Nsa. Das Graças.



Fonte: Acervo documental o IHC (2025)

A seguir a Figura 5 mostra um desfile municipal em Carpina, com crianças e adultos participando, destacando-se as meninas segurando bandeiras. Essa fotografia faz parte do acervo do Museu de Carpina e representa momentos de celebração e engajamento comunitário, essencial para entender as tradições e a identidade local. O museu preserva essas imagens para conectar as gerações passadas às atuais, mantendo vivas as memórias de eventos importantes.

**Figura 5-** Desfile Cívico Municipal



Fonte: Acervo documental o IHC (2025)

Os achados da entrevista evidenciaram a relevância na ação de preservação e disseminação da memória local, especialmente em contextos onde o acesso físico aos museus é limitado. A atuação de agentes comunitários na mediação digital contribui significativamente para o fortalecimento da identidade cultural e o engajamento da população com seu patrimônio histórico.

Para o historiador e pesquisador local, o IHC é um instrumento importante na formação da identidade carpinense, assim sinaliza: *"O Instituto Histórico de Carpina é um espaço de memória que ajuda a consolidar uma identidade local. Ele guarda não apenas objetos, mas histórias que conectam gerações"* (Entrevistado 1).

A relação entre a comunidade e o museu é marcada por histórias de dedicação e afeto. A ex-funcionária e cuidadora voluntária do IHC, compartilha sua trajetória no IHC: *"Na época em que eu tinha 16 anos, quando eu entrei no*

*museu, o meu pai tinha falado com o Neo Maguary — ele era o prefeito... Aí me chamou pra dizer que ia casar e que ia me botar lá no lugar dela"*(Entrevistada 2).

Sua dedicação ao museu transcendeu as obrigações profissionais. Mesmo após sua aposentadoria, ela continuou a cuidar do espaço, realizando limpezas e pequenas manutenções por conta própria: *"Eu vou fazer assim: estou viajando quarta-feira pra Aracaju com uma turma da igreja... Aí, quando eu voltar, eu vou fazer um enxerto lá, lavar, deixar tudo limpinho"*(Entrevistada 2).

A presença constante de visitantes, especialmente estudantes, era uma realidade no museu, como sugere a ex-funcionária: *"Tinha dia de entrar 20 pessoas, de manhã, 20, de tarde... E vinha da escola. É porque eu gostei tanto [...] Que a pessoa entrava e gostava de entrar ali". "Tinha menino que ia todo dia. Todo dia. Em grupo de 3, 4, e vinha da escola[...]"* (Entrevistada 2).

A cuidadora ainda lembra de quão viva era a presença do museu na cidade: *"Na época em que trabalhei lá, comecei com 16 anos. Foi um período muito útil pra mim. Acho que foi mais ou menos na época da emancipação política da cidade. Sempre havia reuniões: todo mês, no começo do mês, se reuniam os sócios, o prefeito e alguns vereadores também. [...] discutiam todos os assuntos da prefeitura, tanto do prefeito quanto de outros setores. Era uma troca muito viva, participativa"* (Entrevistada 2).

Ela também relembra sua participação na organização dos desfiles cívicos: *"O desfile do dia 11, ele fazia aquela lista da escola toda que vinha do município e vinha dos municípios, né? Do município atual, aqui de Carpina. Por exemplo, a escola municipal e estadual, ele fazia os convites lá. E alguns eu ia e entregava nas escolas. Outros, ele chamava um dos membros lá do museu, e eles saíam entregando também, nas escolas"* (Entrevistada 2)..

No entanto, o museu enfrenta desafios significativos, como a falta de apoio institucional e a deterioração de seu acervo. A ex funcionária relata um episódio preocupante: *"Teve ladrão, entrou pelo quintal da construção... Derrubou o muro do museu, foi um buraco bem grande, e entrou pra dentro da bomboniere"*(Entrevistada 2). Esses relatos evidenciam a necessidade urgente de políticas públicas que garantam a preservação do patrimônio cultural local e incentivem a participação da comunidade na gestão e valorização do museu.

Buscando entender como a gestão atual vê a situação do IHC, conversamos com a secretária da gestão municipal para entender os planos para o museu. Quando perguntada sobre a importância do museu para a memória da cidade o entrevistado diz: *“O museu é um patrimônio fundamental para Carpina. Ele guarda histórias, objetos e documentos que contam a trajetória do nosso povo e reforçam o sentimento de pertencimento. Mesmo inativo, ele segue sendo um símbolo de orgulho para a comunidade”* (Entrevistada 3). A fala evidencia a dimensão imaterial do museu que para além de espaço físico, representa a memória coletiva, reunindo objetos e documentos que narram a trajetória local.

Sobre os planos futuros a secretária destaca que existe um projeto encaminhado para revitalização e ativação do espaço: *“A ideia é não só reabrir o espaço, mas torná-lo um centro de cultura vivo, com exposições, atividades educativas e envolvimento da população. Sabemos que isso exige recursos e apoio coletivo, mas já estamos em diálogo com o governo estadual e possíveis patrocinadores”* (Entrevistada 3). Essa abordagem aponta para uma ressignificação do espaço, muito embora os entraves existam e seja necessário articulações com outras instituições.

Por fim a entrevistada reforça a importância da participação coletiva para o fortalecimento do vínculo afetivo entre a população e o museu *“A preservação da memória depende do engajamento de todos: poder público, escolas, artistas e, principalmente, dos moradores. Queremos ouvir sugestões, contar com voluntários e fortalecer essa ligação afetiva que as pessoas têm com o museu. A cultura se faz com participação, e Carpina tem tudo para resgatar esse espaço com força total”* (Entrevistada 3).

Essa visão dialoga com práticas contemporâneas de gestão museológica participativa, que reconhecem o papel ativo dos cidadãos na preservação e dinamização dos acervos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu compreender a relevância do Instituto Histórico de Carpina (IHC) como espaço de preservação da memória, identidade e patrimônio cultural do município. Ao longo do trabalho, foi possível observar que, apesar de Carpina possuir uma trajetória histórica singular — marcada pela exploração da madeira, pela cultura canavieira e pela resistência de movimentos locais como a Liga de Tracunhaém —, sua memória encontra-se em risco devido à inatividade do IHC e à ausência de políticas públicas voltadas à preservação patrimonial.

O Instituto, fundado em 1962, teve papel central na guarda de objetos, documentos e símbolos que contam a história da cidade. No entanto, seu fechamento gerou impactos significativos, como o enfraquecimento do vínculo intergeracional com a memória local, o esquecimento de tradições e a deterioração de acervos valiosos. Esses impactos foram intensificados pela falta de investimentos e de ações institucionais que promovam a valorização do patrimônio histórico-cultural carpinense.

Ao analisar o caso do IHC em diálogo com a realidade dos museus da Zona da Mata Norte de Pernambuco, percebe-se que o cenário não é isolado. Muitos desses espaços enfrentam dificuldades semelhantes, como escassez de recursos, abandono estrutural e pouco reconhecimento por parte da população. Ainda assim, existem possibilidades de reativação e fortalecimento, sobretudo quando há envolvimento comunitário, apoio institucional e articulação com universidades e coletivos culturais.

A reativação do Instituto Histórico de Carpina não representaria apenas a reabertura de um prédio, mas a recuperação de um espaço de pertencimento, de educação patrimonial e de afirmação da identidade local. Um museu ativo no município possibilita o resgate de memórias esquecidas, a valorização da história oral, a construção de narrativas compartilhadas e o fortalecimento de laços sociais. Além disso, atua como instrumento pedagógico, contribuindo para a formação crítica dos cidadãos, especialmente das novas gerações.

Portanto, este trabalho reafirma a importância da preservação do IHC como uma ação estratégica para a manutenção da história viva da cidade de

Carpina. A memória, quando silenciada, compromete o sentido de continuidade e pertencimento; por isso, revitalizar o museu é um passo fundamental para garantir que as vozes do passado continuem ecoando no presente.

Em suma, podemos concluir que mesmo em situação de inatividade o IHC, permanece como um importante referencial de memória e identidade para a cidade. A percepção dos entrevistados reforçam a noção de que o patrimônio cultural não se restringe à dimensão física, mas envolve valores simbólicos e afetivos e que ressignificado poderá se reafirmar na construção de identidades coletivas e na memória local.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jobson Louis Santos; PERUCCHI, Valmira; FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. **Ciência-ação em Ciência da Informação: um método qualitativo em análise**. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, v. 25, p. 01-24, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2020.e66993>.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros; São Paulo: Associação Brasileira de Profissionais da Informação (ABRAINFO), 2014. ISBN 978-85-85637-54-5.

BIRRO, Renan Marques; PEREIRA DE SOUSA JÚNIOR, José. SOB AS SOMBRAS DO LEÃO DE BRONZE: O INSTITUTO HISTÓRICO DE CARPINAPE E A CONSOLIDAÇÃO DA COMUNIDADE IMAGINADA CARPINENSE. **Mneme - Revista de Humanidades**, [S. l.], v. 26, n. 49, p. 1–27, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/37863>. Acesso em: 16 ago. 2025.

BRASIL. V. 26, n. 49 (2024): Dossiê: **Institutos Históricos e Geográficos no Brasil**: acervos, intelectuais e historiografias. [S.l.: s.n.], 2024.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Art. 216. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 20 jul. 2024.

CHAGAS, Mário. **Museus, memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CHAGAS, Mário. **Museus, memória e patrimônio: reflexões contemporâneas**. *Revista Museologia e Patrimônio*, v. 2, n. 1, 2009.

CHAGAS, M. S. (2020). "Ciência e Sociedade no Brasil Contemporâneo". In: **Colóquio MAST de História da Ciência**, 15. ed. Rio de Janeiro: MAST. Disponível em: [[www.mast.br/coloquio2020](http://www.mast.br/coloquio2020)]. Acesso em: 01 ago. 2025.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Orgs.). **Conceitos-chave de museologia**. Tradução de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013.

FERREIRA, Maria Leticia M. **Objetos, lugares de memória**. In: *Fotografia e memória*. Organização de Maria Leticia M. Ferreira. São Paulo: Editora Senac, 2008. p. 15-30.

FUNMUSEU. **Museus e comunidades locais: parceria de sucesso.** Fundação Museu do Homem Americano, 2022. Disponível em: <https://funmuseu.com.br/mundo/brasil/museus-e-comunidades-locais-parceria-de-sucesso/>. Acesso em: 14 maio 2025.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019. 248 p. ISBN 978-85-9702-057-1.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective.** Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1968.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 1990.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 1996: características da população e indicadores socioeconômicos das regiões brasileiras.** Rio de Janeiro: IBGE, 1997.

ICOMOS. **Carta de Veneza: Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios.** Veneza, 1964. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2025.

JUNG, Carl G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LINO, Ítalo César. **Soul Carpinense: a identidade cultural na formação social de Carpina.** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2023.

LEMONS, Carlos Alberto Cerqueira. **O que é patrimônio histórico?** 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2017. 95 p. (Coleção Primeiros Passos; 350). ISBN 978-85-11-35049-4.

LINO, Maria Aparecida. **Museus locais e identidade cultural: o caso do Instituto Histórico de Carpina.** 2023. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

MARINHO, Josi; FERREIRA, Paulo; VENERANDO, Sivaldo. **Carpina, Terra do Leão do Norte.** Carpina-PE: Ed. dos Autores, 2018. 297 p. II. ISBN: 978-85-86320-00-2.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 25. ed. rev. e atual. Petrópolis: Vozes, 2007.

PEREIRA, Nilo. **História e tradição**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1983.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SANTOS, José Luiz Fiorin dos. **Museus comunitários e identidades locais: espaços de negociação cultural**. *Revista Brasileira de História*, v. 32, n. 64, 2012.

SILVA, Valter. **A identidade cultural e a importância da memória nos museus locais: o caso do Instituto Histórico de Carpina**. *Revista Mneme*, UFRN, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/download/37863/19857/137301>. Acesso em: 14 maio 2025.

SMITH, Laurajane. **Uses of heritage**. London: Routledge, 2006.

TÁLAMO, M.; MARANDINO, M. **Educação em museus: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência**. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v. 22, n. 1, 2005.

## APÊNDICE – REGISTROS DO ACERVO DO INSTITUTO HISTÓRICO DE CARPINA

Primeiro prefeito de Carpina e esposa, Cel. Ernesto Pompílio do Rego.



Fonte: Fonte: Galeria do autor a partir do acervo documental do IHC (2025)

Inauguração da avenida Assis Chateaubriand.



Fonte: Galeria do autor a partir do acervo documental do IHC (2025)

Banheira pertencente a baronesa de Tracunhaém

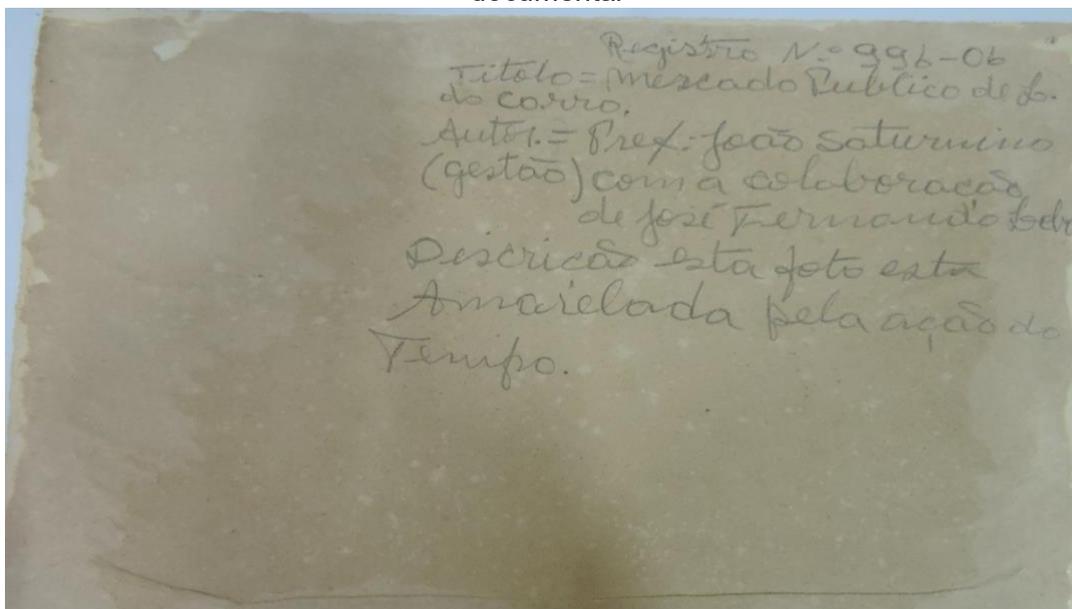


Fonte: Galeria do autor, acervo documental do IHC (2025)

## Comemoração



Fonte: Galeria do autor.

Verso da fotografia do mercado público de Lagoa do Carro  
documental

Fonte: Galeria do autor, acervo documental do IHC (2025)

Acervo documental do IHC (2025)



Fonte: Galeria do autor, acervo documental do IHC (2025)

Mercado público de Lagoa do Carro



Fonte: Acervo documental do IHC (2025)

Criança de família tradicional carpinense.



Fonte: Galeria do autor.

Colaboradores da empresa ferroviária Great Western, em ligação no IHC.



Fonte: Galeria do autor.

Personalidades em comemoração.



Fonte: Galeria do autor.

Desfile cívico de Carpina



Fonte: Galeria do autor.

Interior do IHC, anexo construído a posteriori.



Fonte: Elaborado pelo autor (a) (2025)

## ANEXOS – FOTOS DA INAUGURAÇÃO DO IHC

**Inauguração do Instituto Histórico de Carpina em 11 de setembro de 1964 com a presença do governador Paulo Pessoa Guerra**



Fonte: Sousa Júnior e Birro, 2024

**Governador Paulo Guerra cortando a fita de inauguração do Instituto Histórico.**



Fonte: Sousa Júnior e Birro, 2024